



valor  
**r\$5**  
sugerido

# faquinha

Inverno de 2017  
Ano II - N°4



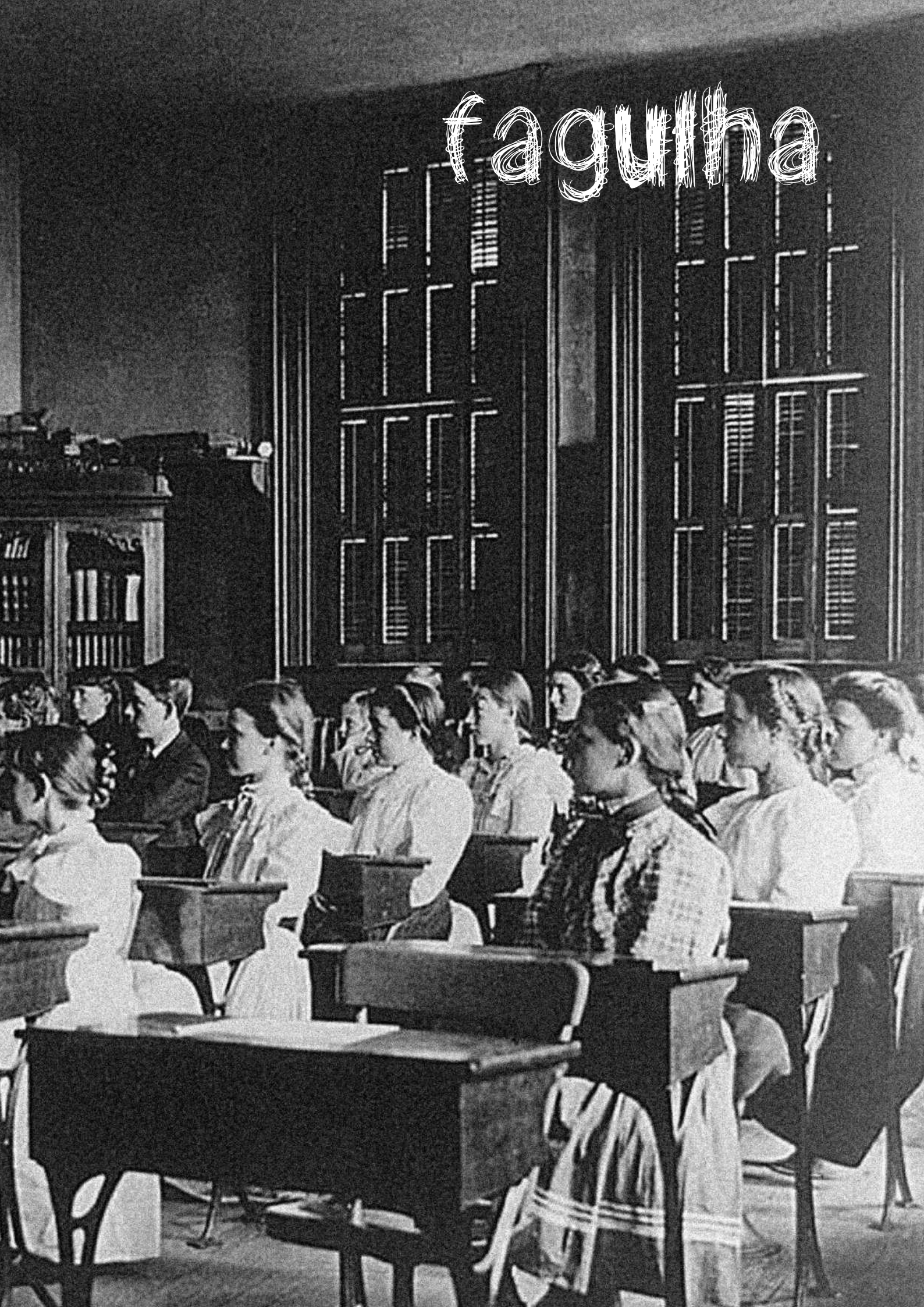
## Hora de construir!

E aqui estão os países...

Que são basicamente regiões geográficas dentro de linhas arbitrárias  
em um mapa que são governadas por quadrilhas criminosas com  
bandeiras.



# raguina





Quer ajudar a distribuir **fagulha** ou quer sugerir pontos de distribuição? Discordou de alguma opinião veiculada na revista? Tem um texto que quer publicar? Escreva para nós em **fagulha@riseup.net** ou entre em contato através das redes sociais!

Fagulha no **WE**: [we.riseup.net/fagulha/](http://we.riseup.net/fagulha/)

Fagulha no **GNU Social**: [quitter.se/fagulha/](http://quitter.se/fagulha/)

Fagulha no **Diaspora\***: [fagulha@diasporabr.com.br](mailto:fagulha@diasporabr.com.br)

## Precisamos do seu apoio!

Como vivemos em um mundo capitalista, além do nosso trabalho voluntário, Fagulha tem despesas financeiras. E para isso precisamos de seu apoio! Quer ajudar? Saiba como em nosso site:

[www.fagulha.org/apoie-fagulha](http://www.fagulha.org/apoie-fagulha)



**ATENÇÃO!** Não leia nada que está escrito nestas páginas sem questionar! Nenhuma pessoa é detentora da verdade. Acreditamos que pontos de vista são verdades em si, e que eles jamais devem ser impostos sobre as outras pessoas como únicos e exclusivos. Cometeremos equívocos, pois eles são inevitáveis e necessários para evoluir, por isso esperamos que Fagulha seja feita de diálogos, nunca de um monólogo. Se você discorda do que dizemos, ou acha que veiculamos visões incompletas, escreva e dê a sua opinião.

Para falar conosco escreva para:  
**fagulha@riseup.net**

Todos os textos, e mais, estão disponíveis em nosso site:

**[www.fagulha.org](http://www.fagulha.org)**

Todo conteúdo desta edição de Fagulha foi criado ou plagiado por: m1nhoca, Enxurrada, Petricor, Dervixe, Graxaim do Mato, Molho de Tomate e Yara, além do trabalho de colaboradores externos.

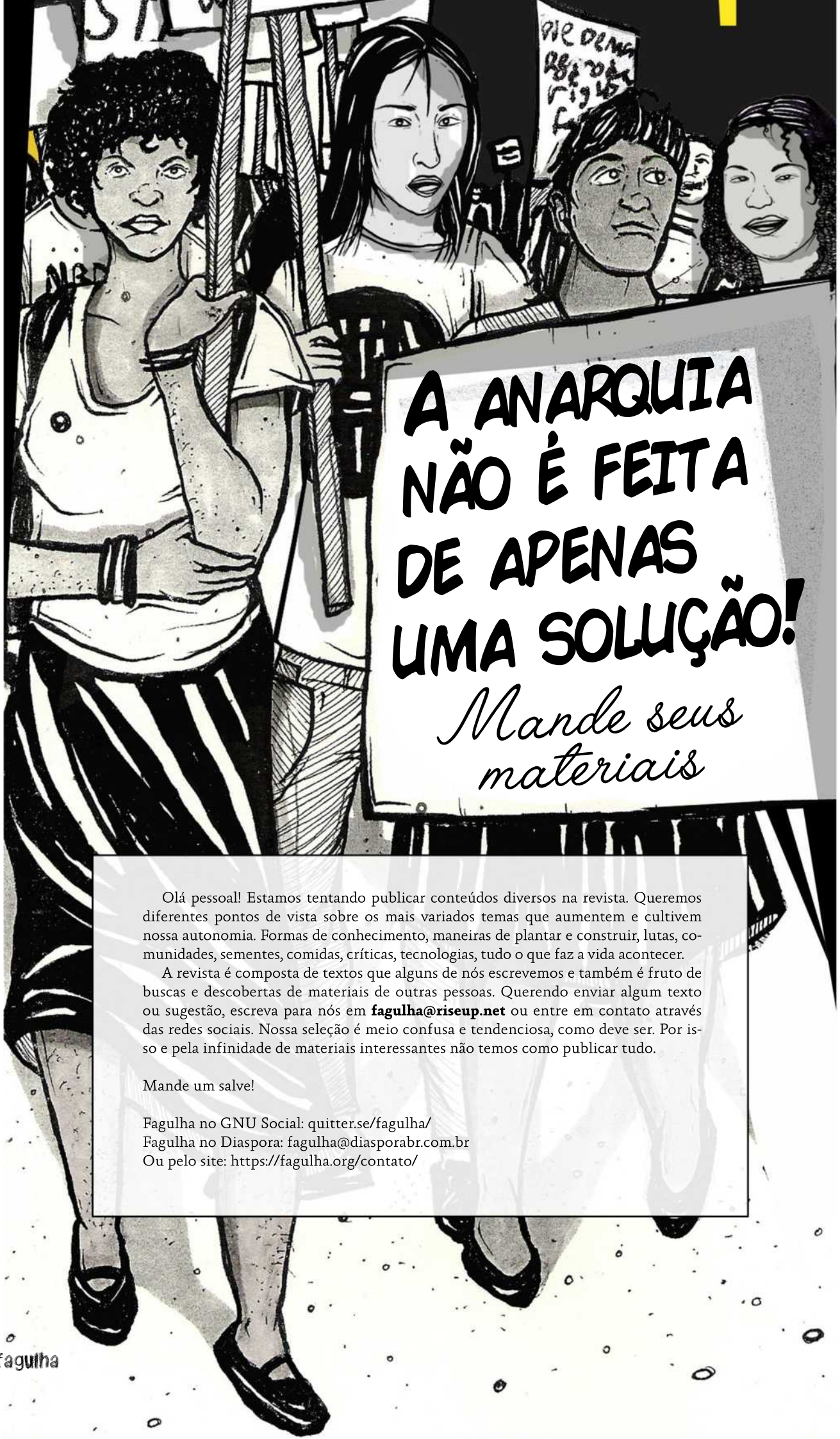
Todos textos de Fagulha podem e devem ser copiados. Impor regras e restringir a circulação de informações é sabotar a evolução e libertação das pessoas e dos povos.



# Índice

<b>Construindo nossos sonhos</b>	07
Crise & <b>Resistência</b>	08
<i>Vida sem polícia</i>	12
<b>NADA DO QUE VOCÊ FEZ VOCÊ FEZ SOZINHO!</b>	20
<b>SEGURANÇA DIGITAL PARA PROTESTOS</b>	22
<i>Não domamos a natureza porra nenhuma</i>	29
<b>TESTEMUNHO SEM PUDOR</b>	30
<b>O ATIVISMO NARCISISTA E A ESCUTA AUTORITÁRIA</b>	32
O Choque da Vitória	34
<i>Não é sempre não!</i>	40
<b>NESTOR MAKHNO</b>	42
<b>À NOVA ERA DAS MAQUINAS</b>	44
<b>CASOS ISOLADOS</b>	46
<i>Histórias de resistência</i>	48
<b>Livros &amp; Filmes</b>	49





**A ANARQUIA  
NÃO É FEITA  
DE APENAS  
UMA SOLUÇÃO!**

*Mande seus  
materiais*

Olá pessoal! Estamos tentando publicar conteúdos diversos na revista. Queremos diferentes pontos de vista sobre os mais variados temas que aumentem e cultivem nossa autonomia. Formas de conhecimento, maneiras de plantar e construir, lutas, comunidades, sementes, comidas, críticas, tecnologias, tudo o que faz a vida acontecer.

A revista é composta de textos que alguns de nós escrevemos e também é fruto de buscas e descobertas de materiais de outras pessoas. Querendo enviar algum texto ou sugestão, escreva para nós em [fagulha@riseup.net](mailto:fagulha@riseup.net) ou entre em contato através das redes sociais. Nossa seleção é meio confusa e tendenciosa, como deve ser. Por isso e pela infinidade de materiais interessantes não temos como publicar tudo.

Mande um salve!

Fagulha no GNU Social: [twitter.se/fagulha/](https://twitter.se/fagulha/)

Fagulha no Diaspora: [fagulha@diasporabr.com.br](mailto:fagulha@diasporabr.com.br)

Ou pelo site: <https://fagulha.org/contato/>

Editorial

# Construindo nossos sonhos

É preciso resistir, é preciso lutar contra tudo aquilo que vemos de errado no mundo – contra a opressão, contra a injustiça. Mas não é evitando retrocessos que iremos avançar. Precisamos dar um passo à frente, pra depois dar outro e mais outro.

Lutar contra o aumento da passagem é importante – pois o direito a circular e acessar os recursos da cidade é fundamental. Mas temos que pensar além, em como seria uma vida na qual não tivéssemos que passar horas presas dentro de ônibus para ir para um trabalho que não satisfaz as nossas vontades e potenciais.

É importante lutarmos contra a reforma da previdência – pois é desumano forçar as pessoas a trabalhar por décadas sem o direito de se aposentar dignamente. Mas talvez seja mais crucial ainda refletirmos em como poderia ser uma vida onde colhêssemos os frutos de nosso próprio trabalho sem ter que dar a maior porção a patrões que nunca sujaram as suas mãos para produzir algo de útil; como seria uma vida na qual trabalhamos no que nos interessa, quando e da maneira como quisermos.

Pouco adianta ficarmos apenas lutando contra essa enxurrada de coisas ruins sem pensarmos, refletirmos e, principalmente, começarmos a construir aquelas coisas com que sonhamos. Se não fizermos isso, vamos nos condenar a ficar eternamente jogando o jogo deles. Toda vitória contra o aumento da passagem será apenas um adiantamento, pois o aumento virá mais tarde, e continuaremos perdendo tempo de nossas vidas em jornadas absurdas. Toda vitória contra leis que retiram direitos dos trabalhadores nos garantirá apenas que continuaremos sendo exploradas, mas (ufa!) talvez não tão exploradas quanto poderia ser.

Temos que pensar e construir essas alternativas para chegar o dia em que não será mais preciso lutar contra o aumento da passagem, pois não precisaremos mais ficar várias horas dos nossos dias presas dentro dessas máquinas barulhentas e sujas já que não dependeremos mais de



salários que são insuficientes para pagar um aluguel perto do local de trabalho. Somente se perseguirmos alucinadamente os nossos sonhos e começarmos a imaginar como colocá-los em prática, chegará o dia em que vamos estar nos lixando para o sistema previdenciário, pois nosso trabalho renderá recursos de sobra para compartilharmos com quem precisa – e ainda teremos uma comunidade inteira de pessoas que se importam conosco para nos apoiar no dia em que quisermos parar de trabalhar, por nossa livre e espontânea vontade.

Desde o fracasso do comunismo, querem que nós acreditemos que o capitalismo é o único sistema que funciona, que não existem outras possibilidades. Entretanto nós sabemos muito bem que de fato ele não funciona, pelo menos não para a maioria das pessoas. E as possibilidades só são limitadas pela nossa própria imaginação e criatividade, que estão atrofiadas pois nenhuma escola nos ensinou a imaginar e sonhar – pois sua função não é essa, senão formar peças de uma máquina (a maior e mais apavorante máquina já construída), educadas e informadas (enformadas?) para servir ao mercado de trabalho, pouco aptas para qualquer outra coisa.

Temos que nos reapropriar das nossas capacidades de fantasiar, idealizar, inventar, planejar, projetar, criar e conspirar. São elas que nos libertarão para sempre da tirania desse sistema deprimente movido a ritalina, fluoxetina e maltodextrina.

# Crise e

# &

# Resistê

Cortes de direitos e de serviços, privatizações e outras medidas da chamada "austeridade" acentuam a exploração da população pelas forças capitalistas. Do lado de cá, pessoas e organizações de esquerda tentam resistir indo às ruas. Mas adianta alguma coisa?

**J**á falamos na Fagulha sobre como o capitalismo se aproveita das crises para seu benefício: os bancos lucram com as dívidas da população, o governo aprova medidas impopulares que só beneficiam seus amigos grandes empresários, cortando direitos trabalhistas e vendendo empresas e bens públicos que são privatizados para “tirar o governo da crise”. Chamam de “remédio amargo” — quem tem que engolir é o povo, mas quem se beneficia é a elite.

Na época, a crise recém começava a mostrar seus primeiros sintomas. Hoje estamos no seu ápice, com as medidas de austeridade sendo implantadas a todo o vapor, sob a ameaça de que coisas ainda piores acontecerão se o povo não aceitar pagar o pato. E é exatamente isso que está acontecendo: a população está sofrendo com cortes nos seus direitos mais essenciais, como saúde, educação e previdência, enquanto as classes política e capitalista continuam enchendo os bolsos de dinheiro<sup>1</sup> e mordomias.

## Alimentando a crise para seu próprio benefício

Embora o constante ciclo entre períodos de prosperidade e crises seja inerente ao capitalismo, a atual crise no Brasil foi antecipada com propósitos políticos pela classe dominante, sobretudo através da grande imprensa<sup>2</sup>. Já em 2012 a mídia invocava a crise como quem conjura um demônio, quando várias reportagens e artigos nos principais jornais do país falavam da crise que chegaria ao Brasil. E como todo o sistema financeiro é baseado em especulação, basta que a imprensa faça o seu terrorismo de costume que investidores já ficam com medo de investir no Brasil e investem em outros países, e assim a crise realmente chega. Com medo da recessão, a população começa a poupar ao invés de torrar seu dinheiro em coisas desnecessárias e alimenta a crise ainda mais, e um ciclo vicioso se estabelece.

Agora o país está pronto para a pilhagem! Tudo vale para “retomar o crescimento”<sup>3</sup>: vale congelar investimentos em saúde e educação por 20 anos; vale fazer a popula-

1. O banco Santander, por exemplo, que em 2016 demitiu 200 pessoas, no mesmo ano teve aumento de 10,8% no seu lucro no Brasil. No Reino Unido o lucro do banco caiu 15% e a média mundial do lucro do banco foi de 4%. Grandes crises, grandes negócios.

2. Lembrem-se de que um grande número de congressistas alegou que estava votando pelo impeachment porque Dilma tinha “quebrado o país”. Até mesmo Michel Temer admitiu que Dilma caiu pois não aceitou a sua “Ponte Para o Futuro”, plano de governo que previa reforma na aposentadoria, cortes na saúde e educação, desindexação do salário mínimo e todas essas reformas que vemos o atual presidente aplicando.

3. Sério gente, ainda não caiu a ficha de que crescimento econômico ilimitado em um mundo de recursos limitados é impossível?



# ência

ção ter que trabalhar ainda mais antes de ter o direito de se aposentar; vale até mesmo tirar uma presidente que havia sido “democraticamente eleita”<sup>4</sup> e trocá-la por um fantoche dos capitalistas<sup>5</sup>; vale privatizar empresas públicas de ônibus e até mesmo a água e deixar as necessidades básicas da população à mercê do lucro dos empresários. Vale tudo, só não vale é claro mexer nos privilégios das classes dominantes, que têm aposentadoria e planos de saúde privados, que não andam de ônibus e que só bebem água mineral: vereadores, deputados, prefeitos, governadores, deputados, senadores, presidentes, juízes, ministros, desembargadores e outros sanguessugas seguem com seus salários astronômicos, seus motoristas, suas mordomias e seus luxos absurdos quando comparados à vida das pessoas comuns. Também não vale aumentar os impostos, pois isso reduziria o lucro dos empresários, e o lucro é sagrado.

Agora temos um cabo de guerra. De um lado estão os capitalistas e a direita — que estão no poder colocando na prática seus ideais de enxugamento do Estado, privatizando serviços e bens públicos e reduzindo-os ao que consideram o mínimo necessário, ou seja, basicamente apenas o aparato repressivo para que ricos continuem sendo ricos e pobres continuem sendo pobres. E do outro lado temos a esquerda partidária — que acredita que o Estado, com as pessoas de sua vertente ideológica no comando, trará a justiça social, concedendo benefícios a quem mais precisa custeados pelos lucros dos capitalistas.

## O papel do Estado

Não vamos nos enganar: o Estado não existe e nunca existiu para garantir os direitos das pessoas comuns, mas sim para proteger os privilégios das classes mais abastadas. O Estado surgiu com regimes totalitários e autocracias onde uma pessoa ou mais subjogavam todo um povo com a força bruta e forçava-os a pagar impostos que ser-

viam basicamente para criar e manter privilégios. Esses impostos também serviram para manter exércitos e polícias e assim garantiam a sua dominação sobre a população e a manutenção de seus poderes.

Até mesmo a famosa Democracia Ateniense era uma imposição de poucas pessoas sobre muitas. Nas assembleias, somente podiam participar homens, maiores de 18 anos, filhos de pai e mãe ateniense. Isto fazia com que só uma pequena parcela da população pudesse opinar — e uma parcela menor ainda comparecia de fato às assembleias. Escravos, mulheres e estrangeiros, embora fossem obrigados a pagar impostos e a prestar serviço militar, não tinham o direito de participar.

Você pode pensar que a democracia de hoje é melhor já que toda pessoa<sup>6</sup> maior de 16 anos tem direito ao voto. Mas não é bem assim, pois uma pequena elite tem um poder muito maior para influenciar o resultado das eleições. Por muitos anos, as emissoras de TV (principalmente a Rede Globo e suas afiliadas), e a grande imprensa de forma geral, manipulam a população a votar em quem melhor representa os seus interesses e de seus anunciantes. E agora com a coleta ostensiva de dados das pessoas através da internet a manipulação é ainda mais direcionada e eficiente<sup>7</sup>. E quando isso não funciona, a máscara “democrática” do sistema cai e surgem os golpes, assassinatos e impeachments. No fim das contas o Estado sempre cumpre o seu papel de manter o status quo.

No capitalismo, a função do Estado é garantir o crescimento da economia. Podem até existir pessoas que eventualmente se elejam com sinceras intenções de diminuir as desigualdades sociais, mas a partir do momento em que isso começa a prejudicar a economia, o próprio Estado, apoiado pela grande imprensa (como já falamos acima) e outras forças capitalistas nacionais ou internacionais, dá um jeito de neutralizar suas ações ou removê-las de seus cargos.

Comunistas acreditavam — e há quem ainda acredite

4. O que “democraticamente” quer dizer exatamente? O poder do voto popular a cada quatro anos? Votar em toda e qualquer lei que propuserem? Eleger todas as pessoas que vão ocupar cargos públicos? Incontáveis experiências tem deixado explícito que todas essas supostas falhas da democracia muito provavelmente sejam inerentes a esse regime. Ainda assim carregamos essa imagem idealizada da democracia conosco. Talvez seja a hora de desbançar essa ilusão e dar nome aos bois. Precisamos de autonomia, e não existe maioria que nenhuma no mundo para sacar essa necessidade de nossos corpos.

5. O fantoche, no caso o presidente Michel Temer, ainda admitiu mais tarde que foi justamente por não aceitar tomar medidas econômicas “necessárias” para retomar o crescimento da economia que Dilma foi tirada da presidência do país.

6. Não é bem assim, pessoas originárias de outros países, sem a devida documentação que as “legítimas” como eleitoras, não podem votar, bem como qualquer pessoa que esteja presa seja lá por qual motivo for.

7. Para mais informações sobre empresas dedicadas a influenciar eleições através da coleta e análise de dados, leia Big Data: Toda democracia será manipulada?, de Mikael Krogerus e Hannes Grassegger: <http://outraspalavras.net/posts/big-data-toda-democracia-sera-manipulada/>

— que seria possível usar o Estado para acabar com os privilégios e promover a igualdade. Mas assim que assumiram o poder começaram as perseguições a pessoas que pensavam diferente — como anarquistas e mesmo comunistas de outras vertentes, que foram presas ou assassinadas. Criou-se um regime totalitário que durou décadas, muito longe do ideal comunista de abolição do Estado e igualdade entre homens e mulheres. O papel do Estado que antes era defender os interesses do Estado, no comunismo passa a ser defender os interesses do partido.

Usar o Estado para acabar com a opressão é como tentar usar um rifle para fazer uma cirurgia em alguém, ou usar uma retroescavadeira para martelar um prego. Simplesmente não é a ferramenta adequada. Não importam as nossas intenções, no final o Estado sempre vai gerar opressão.

### **Capitalismo — uma sucessão de crises**

Mas a crise que foi antecipada pelos interesses políticos da elite seria inevitável de qualquer forma, pois o capitalismo é baseado no crescimento econômico infinito — e se a economia não cresce, estamos em crise. Nos dois mandatos de Lula e no primeiro mandato de Dilma, o país passou por um momento de prosperidade, pois a eco-

nomia crescia graças ao novo poder aquisitivo de parte da população. Aquelas pessoas que podiam comprar casa própria, carro, ar-condicionado, smartphones e TVs de tela plana e assim alavancavam o crescimento da economia. Mas depois que todas elas já compraram o que precisavam, como garantir que a economia continue crescendo e a crise seja evitada? Simples inovações tecnológicas, como novos modelos de smartphones, computadores, carros, parecem não ser o bastante para manter a indústria crescendo. São nesses momentos que os capitalistas garantem que pelo menos o seu lucro continuará crescendo graças aos pacotes de austeridade.

A única forma de evitar uma crise econômica no capitalismo seria permitindo o seu crescimento infinitamente. Isso significa que quando um mercado está saturado, novos mercados têm que ser abertos — por exemplo, levando a “democracia” através da guerra a um país remoto, abrindo o seu mercado para as corporações internacionais. Por isso o capitalismo significa guerra constante para a expansão de suas fronteiras, qualquer pessoa, povo ou nação que tente resistir, que não aceite seus dogmas e não aceite viver sob o jugo do capital, será vilificada, exterminada ou, preferencialmente, transformada em um novo mercado de consumidores.



**O Capitalismo e o Estado  
são ferramentas de  
exploração e opressão  
— de nada adianta reformá-los.  
Se queremos ser livres, temos que destruí-los!**



# RESISTIR?!

Depois de 2013 e 2014 — quando as manifestações de rua contra o aumento da tarifa de ônibus, pelo passe-livre, foram cooptadas pela mídia e pela direita, que se apropriaram da raiva das ruas para ajudar a derrubar Dilma e dar andamento a um projeto neoliberal e desenvolvimentista ainda mais agressivo que o do governo do PT — muitas de nós ficamos com a sensação de que temos pouco controle sobre o impacto político de protestos e, portanto, acabamos com a sensação de que de pouco adianta ir para a rua.

Hoje muitas pessoas sentem que as manifestações não possuem nenhum efeito prático. Mesmo quando conseguimos reunir milhares de pessoas, o que alcançamos com isso? Os pacotes de austeridade seguem sendo votados (e aprovados) a todo vapor. A população segue pagando a conta de um banquete oferecido pela classe política para seus amigos empresários. Os únicos poucos benefícios que o Estado oferecia à população vão sendo mutilados pouco a pouco. Parece que não temos nenhuma vitória para comemorar.

Além disso, boa parte das manifestações são formadas por militantes de partidos socialistas e comunistas, que vão para as ruas com a esperança de um dia substituir o governo atual com seu próprio governo, e assim instituir

o seu próprio regime de opressão — mesmo que de forma não intencional e em nome do “povo”. Mas isso é parte do que nos revolta, pessoas dizendo que falam em nosso nome, mas que planejam usar o sistema para impor a sua versão da verdade<sup>8</sup>.

Justamente porque não acreditamos que o Estado possa atender nossas necessidades — liberdade, fim da opressão, justiça social — é que não acreditamos em fazer reivindicações. A única coisa que o Estado poderia fazer que nos satisfaria seria decretar o seu próprio fim — e isso ele nunca nos dará.

Somente ir para as ruas protestar não basta. Somente segurar cartazes não é o suficiente. Mesmo que sejamos milhões. Veja o que aconteceu em 2013, eram milhões de pessoas nas ruas de todo o Brasil com pautas progressistas — e no que resultou? Depois de serem ignoradas e criminalizadas, as manifestações foram cooptadas pela grande mídia, que as usou para seus próprios fins, impulsionando as manifestações conservadoras e reacionárias de 2014 e 2015. Estas culminaram na deposição de Dilma Rousseff e na posse de Temer com sua agressiva agenda capitalista e profascista que está massacrando as classes menos privilegiadas para beneficiar seus amigos capitalistas da FIESP.

8. O Estado é uma ferramenta de opressão que já foi utilizada por muitos socialistas e comunistas “bem-intencionados”, e, toda vez, o que começou com uma revolta popular se transformou em ditaduras cruéis e grandes massacres contra o próprio povo: Cuba, União Soviética, China, Coreia do Norte. Isso acontece pois o Estado é uma ferramenta de opressão que não pode ser usada para outra coisa além de gerar opressão.

# Crise, espaço de luta

Temos que ir pras ruas, mas nossa luta tem que se assemelhar mais à luta que realmente é e menos a uma conversa. Pois não tem ninguém escutando. Nossa presença nas ruas tem que ter um objetivo específico e claro. Por exemplo: impedir que deputadas e deputados cheguem ao plenário para votar uma lei injusta, causar prejuízo a bancos e outras instituições financeiras que lucram com as dívidas do povo — deixando claro que sabemos quem são nossos inimigos, apoiar e defender as lutas dos povos indígenas, como os Mbyá Guarani que retomaram terras de uma fundação extinta pelas políticas de austeridade

(se tivermos sorte!) do lado de fora pedindo educadamente para que parem. É exatamente para isso que servem as eleições! Eles podem alegar que estão lá dentro representando as vontades de milhões de pessoas — e enquanto tiver mais gente votando do que nas ruas, essa justificativa vai colar. Capitalistas só entendem a língua do dinheiro, e é a essa língua também que os políticos respondem, por isso se comunicam tão bem. Não há nenhum sentido em fazer reivindicações para o governo. Eles realmente não dão a mínima.

## Protestar para quê?

Talvez parte de nosso papel nos protestos seja mostrar que o governo — qualquer governo — não nos representa e que jamais aceitaremos silenciosamente toda opressão que ele nos impõe. Que por mais que os Estados e corporações tentem policiar e controlar todos os aspectos de nossas vidas, nossas mentes e corações continuam livres e vamos lutar pela nossa liberdade com tudo que estiver ao nosso alcance.

É nosso papel revelar a verdadeira face violenta do Estado para todas aquelas pessoas que — ao contrário da população da periferia, negra e indígenas — nunca viram como ele lida com o que é considerado sujo, feio e indesejado pelas elites que o controlam. Nossa função é mostrar solidariedade com toda pessoa que é oprimida todo o dia pelo Estado. As ruas devem ser o palco simbólico onde ensaiamos e atuamos nossa autonomia, onde nos reconhecemos como uma força política expressando nossa dissidência. A rua é onde rompemos com a normalidade da rotina, da exploração e da opressão e podemos retomar nosso estado natural de liberdade, onde nosso destino está em nossas próprias mãos.

É nossa tarefa também tornar o trabalho de políticos e capitalistas o mais difícil possível. Causar prejuízos a bancos e lojas corporativas, atrapalhar suas reuniões com o gás lacrimogênio lançado pelos seus próprios cães de guarda, impedir que cheguem aos seus destinos com bloqueios bem orquestrados, fazer com que sintam no bolso o preço de suas ações inescrupulosas interrompendo seus negócios — e causando todo tipo de inconveniências e distúrbios, para atrasar e fazer com que a realização de seus planos seja tão difícil e custosa a ponto de se tornar



Isto não é um diálogo.

de Sartori, em Maquiné, RS. Se não tivermos clareza naquilo que queremos atingir, corremos o risco de nos tornarmos mera massa de manobra de partidos que querem tomar o poder do Estado para si.

Temos que sempre ter em mente de que não adianta simplesmente lutar contra a austeridade, contra os pacotes do governo. E se estivéssemos em uma fase de prosperidade do capitalismo, não iríamos lutar? Se nossos inimigos são o Estado e o Capitalismo, são eles que nossas críticas e nossa luta devem se concentrar em destruir, não apenas as políticas de austeridade ou os políticos da vez.

O governo e seus comparsas não vão parar de explorar a população porque tem milhares de pessoas

# Le construção

inviável. Nós precisamos fazer com que seja impossível para eles governarem.

## Construindo com as crises

É um grave erro acharmos que só conseguiremos resistir quando a maioria do povo se mobilizar, pois isso provavelmente nunca ocorrerá. Mesmo quando as pessoas percebem as injustiças, a maioria ainda não acha correto resistir e lutar — isso se provou verdade mesmo diante das maiores injustiças, como o nazismo<sup>9</sup>. Mas isso não quer dizer que seja impossível resistir, muito pelo contrário! As mudanças sempre foram alavancadas por grupos organizados relativamente pequenos, que lutavam pelo que acreditavam. Os momentos em que a maioria da população se levantou contra uma injustiça foram excessões, se é que existiram. As massas não se levantaram contra a escravidão, contra o racismo, contra o patriarcado, contra o autoritarismo. Se um dia todas essas opressões ficarem para a história, será graças à resistência de uma parcela da população que não se curvou, não se conformou e que não se vendeu aos confortos do dia-a-dia.

Protestar e lutar contra as opressões do Estado e do capitalismo é necessário, mas não basta. Temos que usar nossa imaginação e capacidade de organização para pensarmos como resolveríamos por nós mesmos todos esses problemas que o Estado supostamente resolve para nós e começar a construir essas alternativas. Assim, quando as instituições estatais fraquejarem, estaremos prontos para sobreviver sem elas. Para não acontecer novamente o que aconteceu no começo deste ano durante a greve de policiais no Espírito Santo, quando perdemos a oportunidade de experimentar na prática como seria o mundo sem polícia que nós buscamos.

Não haverá um despertar das massas. A população já conhece os problemas que enfrenta e sabe quem são seus inimigos. Mas enquanto não houverem alternativas que garantam sua sobrevivência, continuarão reféns do mesmo Estado que as oprime, como uma síndrome de estocolmo. Precisamos começar a construir as alternativas ao Estado e ao capitalismo agora. Para que quando o sistema ruir, ninguém sinta sua falta.

9. Em 1952, depois do Julgamento de Nuremberg, quando a informação sobre os campos de concentração, sobre as horríveis experiências médicas e outras horríveis experiências médicas já tinham se tornado públicas, foram realizadas pesquisas de opinião pública sobre a resistência na Alemanha Ocidental. A pesquisa perguntava se uma pessoa convencida de que "crimes e injustiças" estavam sendo cometidas pelos nazistas teria justificativa para resistir a eles — se qualquer tipo de resistência era justificável. Somente 41% acreditava que sim. Pior ainda, quando perguntado se a resistência era justificada em tempos de guerra, somente 20% das pessoas respondeu que sim. 34% disseram que quem quisesse resistir deveria esperar até o retorno da paz (que sob o domínio nazista, bem como em qualquer império, significa nunca). O segundo maior grupo de 31% era formado por pessoas indecisas sobre se a resistência contra os nazistas poderia ser justificada. Elas não estavam indecisas se iriam participar (podemos pressupor com segurança que elas não iriam), elas estavam indecisas sobre se a resistência deveria existir! E outros 15% insistiam que a resistência nunca era justificável, quer seja em tempos de guerra ou paz. Do artigo "Resistance and Opposition: The Example of the German Jews" de Konrad Kwiet.



**Construindo alternativas, paralelas ao Estado e ao capitalismo, estaremos preparadas para viver sem eles no dia em que ruírem.**

# Vida sem polícia

*Reflexões sobre caos e a violência no Espírito Santo numa perspectiva anarquista*

*por Fação Fictícia*

**A** paralisção da Polícia Militar do Espírito Santo mergulhou o estado inteiro em uma onda de violência e crimes resultando em mais de 140 mortes em apenas 10 dias. Governantes entraram em desespero, sem ter como manter os serviços e os negócios funcionando, convocaram o Exército para tomar as ruas. Ainda assim, centenas de lojas foram saqueadas e a população se dividiu entre aquelas que saqueiam o que não podem comprar, e as que sofrem o medo e o pânico em meio a assaltos e tiroteios. Serviços de saúde, transporte e escolas também foram suspensos por falta de segurança. Manifestantes até protestaram pedindo retorno dos policiais às ruas. Tudo isso pode ser usado em favor do discurso dos que querem nos convencer de que não é possível haver paz nem justiça sem polícia. Será mesmo que sem as instituições repressivas do Estado entraríamos “naturalmente” em uma guerra permanente de todos contra todos? Ou os conflitos que surgem quando a polícia sai de cena são apenas os sintomas de uma sociedade construída sobre a competição, o individualismo e o isolamento?

## Uma semana sem polícia

O Código Penal Militar proíbe a greve de policiais militares. Assim como profissionais de saúde, eles são considerados prestadores de “serviços essenciais” à população e a suspensão total de seus serviços é considerada um “risco para a vida” dos indivíduos. Para driblar essas regras, a estratégia usada por policiais no Espírito Santo foi articular com familiares e amigos, para “bloquear” os portões dos quartéis com um acampamento e “impedir” a

saída das tropas. O protesto começou no dia 4 de fevereiro. O objetivo inicial é obter um aumento salarial de 43% e outros benefícios. O governo diz que não vai atender a exigência e a Justiça considera o movimento ilegal. As políticas severas de austeridade impostas pelo governador Paulo Hartung, foram elogiadas como exemplo para o país pelos principais jornais corporativos. No entanto, parecem deixar na mão até mesmo a instituição militar que serve de cão de guarda dos seus interesses.

Escolas, bancos, postos de saúde, supermercados e o transporte público também pararam devido à onda de violência nas principais cidades. Os noticiários nacionais fizeram uma ampla cobertura com seu habitual sensacionalismo que apenas aumenta o medo e a insegurança da população. Assim como em dias de manifestações populares, indivíduos filmam e compartilham relatos e imagens nas mídias sociais com muitos detalhes e maior antecedência que os jornais corporativos.

Os saques, os tiroteios e os assassinatos são transmitidos quase em tempo real, com o duplo efeito de difundir o pânico e apresentar para cidadãs e cidadãos o “novo normal”. Em um dos vídeos, jovens exibem o resultado de um dia de saques, ostentando roupas, calçados e eletrodomésticos que não poderiam comprar mesmo depois de meses de trabalho. Num outro, passageiros cansados de esperar no terminal de ônibus decidem tomar o veículo e seguir viagem conduzidos por um dos passageiros. Um dos vídeos mais dramáticos mostrava um funcionário do IML dizendo com um microfone que o necrotério fecharia as portas pois não havia mais espaço para tantos corpos. O estado registrou 4 assassinatos no mês anterior e atingiu o número de 60 mortos em apenas 3 dias.



No quarto dia, o presidente da República envia o Exército e a Força de Segurança Nacional para ocupar as ruas com o papel de polícia. Manifestantes protestam em frente aos quartéis pedindo segurança e o retorno da PM. Algumas pessoas ainda enfrentam parentes de policiais em Vitória e oficiais do Exército intervieram com spray de pimenta. Através de um decreto, o governo do Espírito Santo transfere o controle do policiamento para as Forças Armadas. Mesmo com quase três mil oficiais enviados pelo governo federal, saques e tiroteios persistem e no sexto dia já haviam mais de 100 pessoas mortas, incluindo policiais e o presidente do sindicato dos rodoviários de Guarapari.

### **Mas o que é a polícia?**

A polícia é o braço institucional mais visível em sistemas políticos opressores, sejam eles democráticos, socialistas ou fascistas. No Brasil, ainda vivemos em um dos piores cenários com uma polícia militar que atua nas ruas como um exército que enxerga sua população como um inimigo a ser neutralizado. Esse tipo de instituição só é comum no mundo e na história sob os regimes mais autoritários e ditatoriais. A polícia brasileira é uma das mais letais que existem até a ONU já recomendou o seu fim.

Homens uniformizados, caminhando armados pelos centros comerciais, ou em viaturas com a sirene ligada, nas vielas e becos das periferias atuam como em um país ocupado por outro: estão ali para nos lembrar quem é que manda. A origem da polícia não tem relação com a segurança da população, mas sim com a manutenção da ordem imposta pelas classes dominantes. O policial não te protege, ele está ali para fazer valer a lei escrita pela

elite no controle do Estado. Isso inclui monopólio do uso da força e da solução de conflitos.

Se alguém desafiar essa lei, sofrerá as consequências da bala, da prisão e da morte – a menos, é claro, que você faça parte da elite, assim como os que escrevem leis. O maior papel da polícia é manter as desigualdades de classe, raça, gênero e nacionalidade. Eles vão garantir que as pessoas pobres continuem na pobreza, que as excluídas continuem na exclusão, e que as injustiçadas convivam com a injustiça.

Como eles fazem isso? A polícia é quem cuida do trabalho sujo para aqueles que acumulam poder em sociedades como a nossa. Você não conhece o dono do supermercado, mas se roubar algo quando estiver com fome e sem dinheiro, vai conhecer um policial que vai te prender e te agredir. Você não vai conversar com o dono de um imóvel se não puder mais pagar o aluguel ou se ocupar um prédio vazio, mas vai ouvir ordens dos policiais que vão te expulsar para fazer a reintegração de posse. Você talvez nunca encontre pessoalmente os donos da empresa onde trabalha ou o prefeito da sua cidade, mas estará cara a cara com a tropa de choque se quiser organizar com outras pessoas uma greve ou bloquear uma avenida para exigir alguma coisa. E se você não tem emprego nem casa, vive nas ruas e come o que encontra no lixo, tudo bem: a polícia é patrão de quem não tem emprego, é o senhorio de quem não tem casa, e vai fazer o possível para te manter no seu lugar.

Sendo assim, a polícia é o maior inimigo de quem questiona a ordem imposta, de quem quer mudanças sociais, de quem quer uma vida sem as desigualdades criadas pelo Capitalismo e pelo Estado – como nós, anarquistas. Afinal, eles são os primeiros a aparecer para o conflito quando



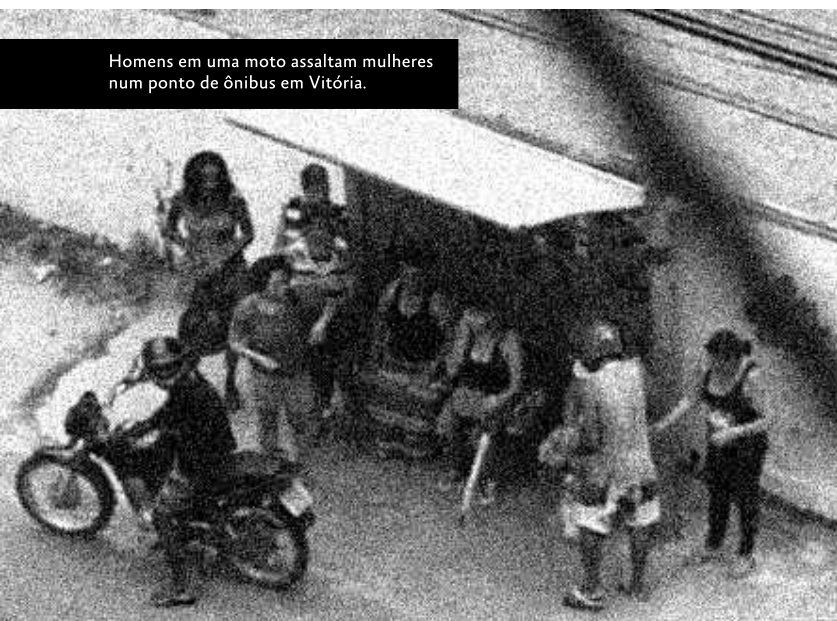
Na mesma semana em que o ES sofre com a greve da polícia, manifestantes reagem ao “pacote de maldades” do governo no RJ.

nos cansamos de apenas sofrer as misérias desse sistema e partimos para a ação.

### **Pobre contra pobre e o capitalismo ilegal**

Os números de mortos e pequenos furtos se concentraram nos bairros mais pobres. Não demorou muito para surgirem sinais de que grande parte dos assassinatos foram realizados por grupos de extermínio envolvendo policiais. As classes média e alta se refugiam no alto de seus apartamentos com dispensas e armários abastecidos de comida, enquanto motoqueiros assaltam trabalhadoras em pontos de ônibus esperando o transporte que nunca vem. Regiões inteiras largadas na pobreza e na desigualdade presenciam a guerra de gangues que sempre estiveram ali, mas agora podem agir sem limites ou medo da repressão da gangue armada do Estado.

A crise de segurança no ES acontece apenas algumas semanas depois de deflagrada a crise nos presídios brasileiros. Esta teve início a partir de uma rebelião que matou 56 presos em Manaus e se espalhou por diversos presídios no norte e no nordeste do país, divididos entre facções em guerra pelo controle do tráfico de drogas em vários estados. Nas duas crises, vemos as consequências de viver em uma socie-



Homens em uma moto assaltam mulheres num ponto de ônibus em Vitória.

dade marcada pela desigualdade social, em que solidariedade e apoio mútuo não são práticas tão valorizadas.

O crime organizado, como o das facções do tráfico, é parte essencial do sistema. O capitalismo legalizado das empresas, dos bancos, dos partidos, da mídia e dos políticos, não pode sobreviver sem o capitalismo ilegal: o tráfico de drogas, de armas e de pessoas, os paraísos fiscais, a prostituição e a pirataria. Os dois funcionam da mesma forma com suas hierarquias, suas desigualdades, suas elites e seus subalternos. Todo o trabalho de quem está na base serve para acumular poder e riqueza para quem está no topo. A diferença é que o capitalismo ilegal não tem toda a burocracia da lei, da fiscalização, normas técnicas ou éticas que a opinião pública tanto estima — talvez por isso dizemos que é “o caminho mais fácil”. Seus meios são mais eficientes e suas punições são imediatas, pois não precisam de juízes, tribunais ou direitos para atrasar o processo. Paga-se com a exclusão ou com a vida.

Mas um capitalismo alimenta o outro e seus negócios funcionam em parceria. Afinal, onde os políticos ou empresários conhecidos lavariam o dinheiro sujo de suas “outras empresas” se não houvessem os paraísos fiscais? Quem venderia em larga escala a droga que os donos das refinarias e das armas enviam para as favelas, se não o favelado que vive ali? Toda política que combate o crime preserva quem está no topo e só atinge quem está na parte vulnerável da estrutura: o mais pobre. Muitas vezes, para os dois tipos de capitalismo, os pobres são as mesmas pessoas. Para os governantes e empresários, os conflitos entre pobres só é um problema quando ameaça os negócios ou sua imagem.

Testemunhamos durante toda a vida que apenas as pessoas que oprimem as outras a sua volta acumulando riqueza e poder, são as que conseguem alguma liberdade. Logo, aprendemos que a única forma de sermos livres é também competindo com quem está a nossa volta, acumulando o máximo de recursos que conseguimos antes que alguém o faça. E não importa se somos igualmente pobres, vivemos no mesmo bairro, ou dividimos o mesmo sistema prisional: veremos as pessoas ao nosso redor como potenciais inimigas da nossa liberdade e da nossa satisfação, ou como meros degraus que devemos pisar para conseguirmos alguma posição mais confortável na pirâmide.

“Minha liberdade termina quando começa a sua” é uma lógica necessária ao pensamento liberal que vê a liberdade como quem vê uma cidade dividida em lotes, onde as fronteiras marcam o fim e o início das outras. Mas a liberdade não é uma propriedade privada, e a liberdade de um indivíduo isolado é apenas privilégio. Não queremos privilégios, nem fronteiras, nem propriedade privada. Enquanto vemos nossos semelhantes como competidores, encararemos a vida como um concurso ou um classificado em que disputamos vagas e salários – meras recompensas por nossa submissão. Quebrar com essa lógica é uma necessidade. Enquanto anarquistas, vemos nas outras pessoas a oportunidade de desenvolver nossos potenciais em conjunto, e não apenas limites às precárias liberdades que ainda nos restam no capitalismo. Quando as forças armadas que protegem os ricos e os governantes não estão olhando, é a casa grande que devemos tomar. Eles são os inimigos da nossa liberdade e promotores da nossa miséria.

### **Habilidades para viver sem estado**

Analisar a crise no Espírito Santo como um exemplo do que acontece quando vivemos sem polícia é um erro por



diversos motivos. Primeiro, é etnocêntrico por negar a existência de centenas de sociedades indígenas desse e de outros continentes que atravessaram milênios e ainda vivem sem um estado para acumular poder ou uma polícia para garantir a ordem. Segundo, nega os exemplos históricos de revoluções e comunidades que se organizaram para viver sem estado e em confronto com o mesmo até sucumbirem aos ataques dos que não aceitaram sua existência, como anarquistas e socialistas fizeram durante a revolução russa de 1917 na Ucrânia ou durante a Guerra Civil Espanhola na década de 1930. Nega inclusive que indígenas de Chiapas vivem desde 1994 em plena autonomia e auto-organização depois de expulsar todas as autoridades do estado mexicano de suas terras; ou que o povo Curdo vive, resiste e prospera no norte da Síria, em meio à guerra e ao caos perpetrado por grupos extremistas como o Estado Islâmico. O território autônomo de Rojava é hoje um exemplo de resistência e de organização popular que compartilha a gestão de todos os aspectos de suas vidas através de conselhos e comunas democráticas onde todas as pessoas têm voz, onde as funções e os cargos são rotativos. Além disso, vivem uma revolução feminista contra as tradições patriarcais ainda muito intensas no Oriente Médio, e contam com milícias exclusivamente femininas como principal força de combate e autodefesa.

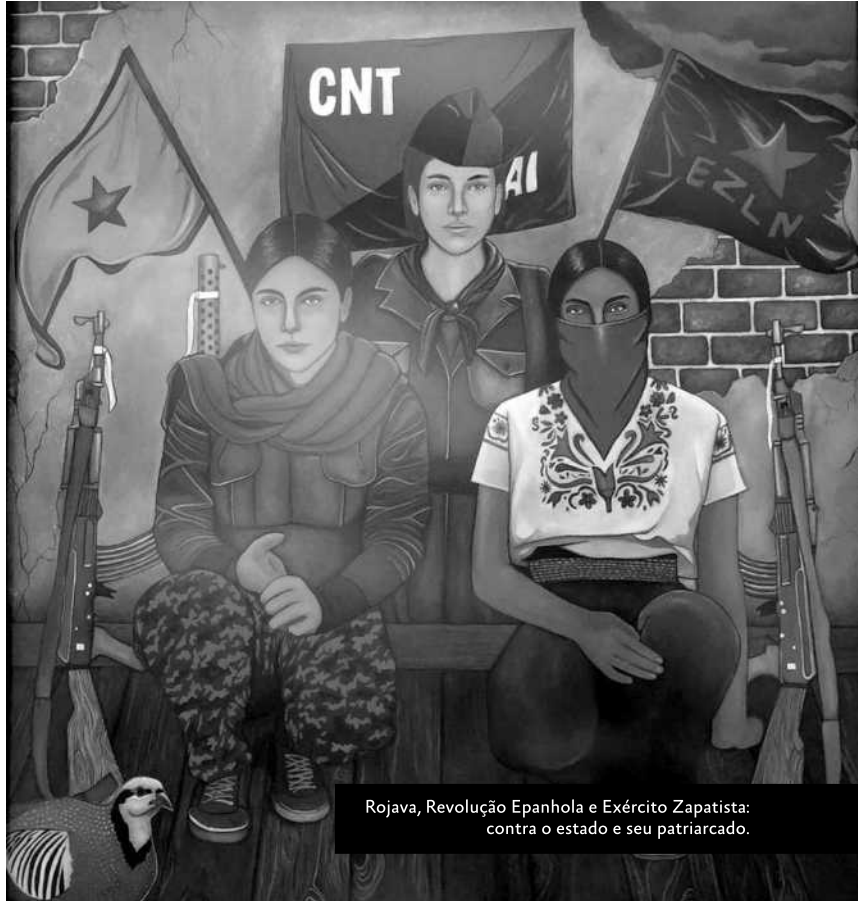
Difícil imaginar esses exemplos quando a vida na democracia burguesa capitalista estimula a competição dos indivíduos e atrofia a colaboração coletiva em nível local. Qualquer pessoa que vive em uma cidade moderna está alienada da maior parte dos serviços necessários para a manutenção da vida. Aprendemos a superar outras pessoas buscando postos de trabalhos específicos e um salário. Com esse salário compramos todo o resto de outras pessoas que fazem outros trabalhos específicos. De comida a atendimento médico, de apoio emocional a serviços sexuais. Tudo é vendido e ninguém sabe prover mais do que a sua função exige. Não nos empenhamos a ter qualquer relação sólida com a nossa vizinhança porque nossa vida não depende de nenhuma relação com ela.

Se por algum motivo, seja uma guerra ou outra catástrofe, médicos desaparecerem, sofreremos com doenças e ferimentos que não sabemos tratar. Se os sistemas que nos abastecem com água e comida forem destruídos ou suspensos, passaremos fome e sede por não sabermos como conseguir nosso alimento e nossa subsistência no local onde vivemos. Dependemos de redes complexas de processamento e distribuição, na qual somos uma parte muito limitada.

Nenhuma dessas situações em que nossa fraqueza coletiva é exposta subitamente, é alguma prova de que “naturalmente” não somos capazes de nos cuidar ou que dependemos de um Estado para sobreviver. Apenas mostram o que acontece quando aceitamos abrir mão de cultivar múltiplas habilidades sociais para nos dedicar apenas ao que pede nosso papel na engrenagem capitalista. Mostram também que a divisão do trabalho alienante fortalece o poder estatal pois nos torna dependentes de sua administração e de sua forma de fazer “justiça”.

Com isso em mente, vemos que a onda de caos e violência no estado capixaba não é o que acontece quando não há polícia, mas sim o que acontece quando um povo criado sob a tensão de um regime autoritário e competitivo, encontra um breve momento sem as forças que regulam suas vidas.

Quando falamos de mudanças sociais radicais, de revoluções que libertam territórios da tirania do mercado e



Rojava, Revolução Espanhola e Exército Zapatista: contra o estado e seu patriarcado.

do Estado, precisamos falar em recuperar habilidades que comunidades ancestrais e indígenas, por exemplo, nunca perderam. Impossível pensar em construir nosso poder enquanto conjunto de comunidades sem pensar em como vamos reaprender a gerir nossa própria moradia, alimentação, educação, saúde e, claro, segurança e autodefesa. Uma comunidade de pessoas isoladas e capazes apenas de executar funções específicas é uma comunidade fadada ao fracasso e à miséria.

De Chiapas à Rojava, dos assentamentos de trabalhadores sem-terra às favelas e ocupações urbanas, a capacidade de saber prover tudo o que nossas comunidades precisam sem a ajuda do Estado é um ponto fundamental. Se não buscamos isso, não teremos o mínimo necessário para operar e sobreviver em comunidade quando essas instituições desaparecerem, seja em uma greve, uma crise econômica ou em meio a uma catástrofe natural. Ou pior: não saberemos o que fazer com uma vitória caso nos livremos do regime que nos oprime. Como as revoltas da Primavera Árabe nos mostraram, não há nada pior do que não saber lidar com uma revolução em que vencemos.

Se queremos uma vida sem Estado, sem polícia e sem capitalismo, devemos formular as questões que nos levem às repostas que queremos. Que nos preparem ética e materialmente para viver esse momento, para termos preparo caso isso aconteça por algum motivo independente de nós. Saber o que se quer, e como se organizar é muito importante. Assim como, as multidões diversas ocuparam a Praça Taksim e o Parque Gezi na Turquia em 2013 para impedir sua demolição e liberaram um bairro inteiro da ação da polícia e qualquer outra autoridade durante semanas. Atrás das barricadas que fechavam todos os acessos à praça para policiais, pessoas compartilhavam comida, arte, primeiros-socorros, conhecimento e munição para enfrentar a tropa de choque. Os assaltos, abusos sexuais e outras violências tão recorrentes num dia normal na vizinhança simplesmente desapareceram durante a ocupação.

***Empregos nos impedem de trabalhar em coletivo.  
Escolas não permitem que saibamos nos educar.  
Hospitais nos alienam de nossa própria saúde e autocuidado.  
Polícia, tribunais e prisões nos impedem de solucionar  
nossos conflitos e de aprender com nossos erros.  
Governos são criados para não tomarmos decisões por nossa conta.***

### **Formulando as perguntas certas**

Indo direto ao ponto: por que o crime organizado e as gangues de bairro conseguem tirar mais proveito da ausência da polícia nas ruas do que nós que dizemos querer uma sociedade sem essa polícia? Criminosos comuns conseguiram reunir recursos assaltando outras pessoas pobres e aproveitaram para eliminar inimigos em acertos de contas que seriam muito mais difíceis com a polícia nas ruas. Talvez a resposta seja porque esses grupos estejam muito mais organizados no nível do cotidiano, provendo os recursos e a autoestima para seus membros, coisa que essas pessoas não teriam se dependessem apenas do trabalho assalariado. Nesse ponto, são muito mais eficientes em sua organização que a maioria dos movimentos de esquerda e – desculpem a sinceridade – que a maioria das organizações, cooperativas e coletivos anarquistas que conhecemos.

A polícia é o pior inimigo de quem, como nós anarquistas, quer resolver os problemas da desigualdade com ação direta. O que são os saques organizados espontaneamente pela população pobre capixaba se não apenas ação direta para redistribuição de renda?

Formulemos as perguntas certas: enquanto nossos inimigos cruzavam os braços nos quartéis, quantos prédios vazios foram ocupados? Quantos saques foram coletivizados entre movimentos sociais, ocupações de moradia e coletivos anticapitalistas? Quantas ferramentas úteis para nossa autonomia (ferramentas para construção, plantio, computadores, impressoras, bicicletas) foram acumulados pelos movimentos e coletivos? Onde estão esses movimentos e coletivos? Eles estão em fúria e ocupando as ruas como quando as multidões destruíram todos os postos de pedágio na Terceira Ponte em 2013? O que estão fazendo para romper o isolamento e tomar as ruas novamente, desta vez sem os valentões fardados para atralhar?

Uma pergunta a todos os grupos anticapitalistas, organizações e coletivos anarquistas do resto do país:

## **O QUE VAMOS FAZER QUANDO A POLÍCIA SUMIR DAS RUAS DAS NOSSAS CIDADES?**

Vamos nos juntar às vítimas da violência entre iguais? Vamos assistir tudo em casa, da TV ou do celular com medo de por o pé pra fora? Ou vamos organizar desde já nossa estrutura social e material para tirar proveito das situações favoráveis que criamos ou que caem no nosso colo? Se as forças armadas do estado são o principal em-

pecilho para agirmos em busca dos nossos objetivos, como estamos nos preparando para nos virarmos sem ela? Como vamos organizar as expropriações e as ocupações que vão prover os recursos que precisamos para nossos movimentos? Como vamos nos defender das gangues de traficantes ou policiais milicianos? Como impedir a ação de justiceiros que vão tentar restaurar a ordem autoritária do estado? Ou ainda, como vamos lidar com os grupelhos de neonazistas, estupradores e outras pessoas que vão ameaçar nossa integridade física e a das pessoas que amamos?

### **Precisamos distribuir a violência**

Não devemos temer a ausência do Estado. Enquanto anarquistas, desejamos e trabalhamos para isso. Mas não basta desejar e confiar que uma cidade inteira espontaneamente se organize de forma autônoma e harmônica, como nas praças turcas ocupadas que citamos acima. O povo Curdo hoje resiste em Rojava às hostilidades dos estados da Síria e da Turquia e às ofensivas do Estado Islâmico porque construiu seu poder através de décadas de organização contra o genocídio promovido pelo estado Turco, usando atentados contra autoridades e táticas de guerrilha, inclusive. Da mesma forma, a classe trabalhadora espanhola resistiu ao golpe de estado fascista de Franco e viveu numa Catalunha autoadministrada pelos pobres porque já se organizava desde o fim do século XIX com a chegada da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores).

A esquerda autoritária e social democrata não questiona e nem vai questionar a existência em si das instituições que nos oprimem, porque desejam tomar o lugar de quem as controla. Para essa esquerda, o sistema não precisa ser abolido, apenas reformado. No meio do caminho, radicais tem historicamente servido como testa de ferro para movimentos e revoluções que apenas instauram uma nova ordem que vai perseguir os mesmo grupos radicais, afirmando que estes são “contra-revolucionários”.

Ninguém gosta mais de polícia e prisão do que quem quer chegar ao poder para impor seus programas.

Aliás, se tem uma coisa que foi comum aos reis, imperadores, ditaduras, regimes fascistas e a todos os estados socialistas da história, foi o uso de polícia, prisões, tribunais e execuções sumárias. Logo que os bolcheviques chegaram ao poder na Rússia, o regime soviético aboliu pena de morte. Quando Lenin soube da decisão, que foi tomada na sua ausência, tratou de instituir novamente a pena



capital: “como é possível fazer uma revolução sem execuções?” – disse<sup>1</sup>. Gandhi, quando questionado em uma entrevista por que não apoiou os guardas que se negaram a abrir fogo contra civis desarmados no norte da Índia, afirmou: “Não posso estimular soldados a desobedecerem, pois quando eu estiver no poder, devo também fazer uso das mesmas tropas e dos mesmos soldados. Se ensiná-los a desobedecer, viverei com o medo de que façam a mesma coisa quando eu estiver no comando”<sup>2</sup>.

O Estado não vê problema algum na violência em si, mas naquela que não pode controlar ou que ameaça seu poder. Se quisermos recuperar habilidades sociais para nos manter sem o Estado, saber usar a violência para nos defender é tão essencial como plantar uma horta ou construir nossas casas. O mesmo vale para a resolução de conflitos dentro de nossas próprias comunidades. A violência externa é uma grande ameaça, mas também é fundamental saber solucionar conflitos internos, resolver desavenças, e lidar com agressões e abusos entre participantes de nossas próprias comunidades. Somente resolvendo nossos conflitos sem recorrer à justiça das classes que querem nos submeter, é que saberemos sair mais fortes desses conflitos sem criar mais divisão e isolamento.

1. The Guillotine at Work – the Lenninist Counter-Revolution, by Gregory Maximoff.

2. Entrevista ao Le Monde, em 1932: <http://www.satyagrahafoundation.org/gandhi-among-the-marxists-the-1932-labour-monthly-interview-with-mohandas-gandhi/>

*Para se aprofundar no assunto e em mais exemplos de comunidades se virando sem o estado, recomendamos o livro Anarquia Funciona de Peter Gelderloos.*

As milícias rebeldes curdas se solidarizaram com o povo Yázi, também perseguido pelo Estado Islâmico e outros governos da região. Não apenas os defenderam de uma forma paternalista, mas treinaram homens e mulheres Yázidis para formarem suas próprias milícias, se defenderem e agirem em solidariedade mútua. Da mesma forma, devemos saber desenvolver e compartilhar essas habilidades para que nenhum grupo revolucionário detenha um monopólio sobre elas e as use para se manter no poder quando essa ordem cair.

Quando a aristocracia europeia buscava constituir os discursos que fundamentam os estados modernos Thomas Hobbes disse que na ausência de um Estado caímos em uma condição “natural” de barbárie: “o homem é o lobo do homem”. Entretanto, não existe um ser humano ou uma sociedade em “um estado natural”. O que existe são pessoas criando e vivendo suas vidas em sociedade. Há as que aceitam se submeter aos interesses de classes mais poderosas, pois se identificam com elas e sonham em um dia subir também ao topo; e há pessoas que sabem que é possível viver de uma outra forma: nos organizando em comunidades e assumindo a responsabilidade de nossas próprias necessidades e desejos.

A história nos mostrou que as piores atrocidades contra as pessoas e o planeta foram realizadas por Estados, governos, burocracias, exércitos e policiais que estudaram e se prepararam para isso — sabiam muito bem o que estavam fazendo! A escravidão de povos africanos, a colonização e o genocídio indígena nas Américas, o Holocausto e todas as guerras, prisões, massacres e misérias às quais temos que sobreviver hoje são exemplos disso. Se o mundo está acabando para nós aqui embaixo, também acabará para aqueles nos palácios e coberturas. Não podemos aceitar ver o mundo ser destruído diante de nós sem luta! Não podemos temer o caos, devemos ser o caos que queremos ver no mundo.



# NADA

## DO QUE VOCÊ FEZ VOCÊ FEZ SOZINHO!

Continuando a desconstrução da meritocracia.

por Graxaim do Mato.

**N**ão, você não é independente e nada do que você faz é resultado unicamente do seu esforço. Vivemos em uma sociedade complexa, onde todos os feitos são o resultado da ação acumulada de dezenas, centenas ou milhares de indivíduos.

Dervixe já mostrou na edição anterior de Fagulha, como no mundo atual, o privilégio que certos grupos têm facilita com que eles obtenham o sucesso naquilo que buscam. Mas a verdade é que, mesmo que todas as pessoas tivessem as mesmas oportunidades e recursos, aquilo que um indivíduo alcança nunca é mérito só seu.

Talvez aquele cirurgião, aquela advogada famosa ou as lideranças das grandes corporações achem que chegaram lá através do seu próprio esforço e mérito. Mas o fato é que essas pessoas nada teriam conseguido sem o apoio da sua família, sua comunidade, seus antepassados, e, podemos dizer, de toda a humanidade. Esse médico ou a advogada dificilmente teriam conseguido se dedicar a centenas de horas de estudo necessários para suas formações sem, por exemplo, uma família que pagasse pelas suas despesas, sem professores e professoras qualificadas para lhes apontar o caminho, sem colegas para apoiar e ajudar a esclarecer as suas dúvidas. Não vamos esquecer: e alguém para produzir e preparar sua comida, lavar a sua roupa, limpar a sala de aula e garantir que tudo na sua vida corra de forma que ela possa continuar seus estudos. Ah, e é claro, nada disso seria possível sem as milhões de pessoas que pagam impostos para manter as universidades públicas, as ruas, estradas e transporte público que

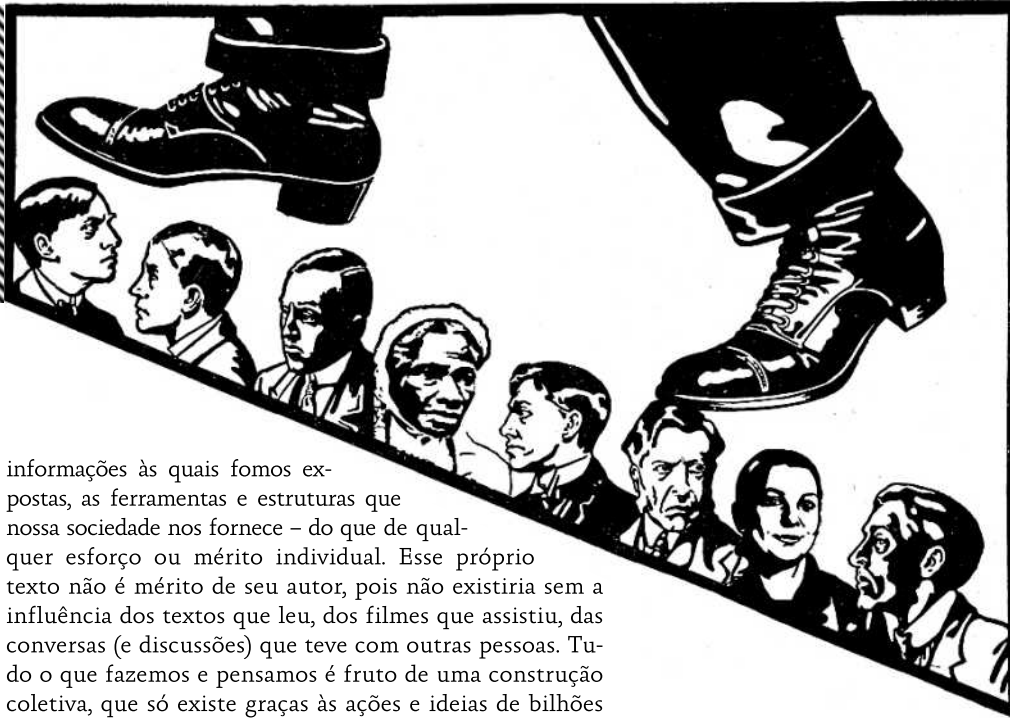
permitem o acesso a elas.

Também muito pouco conseguiríamos fazer sem as ferramentas que temos à nossa disposição, sem o trabalho daquelas pessoas que se dedicam a produzi-las. O que faria a advogada sem papel, sem caneta, sem computadores, sem uma mesa ou uma cadeira? Sem suas roupas e livros? O que faria o cirurgião sem bisturi, sem a equipe de enfermagem, sem uma mesa cirúrgica, sem agulha, linha?

Não faz nenhum sentido pensarmos que foi o mérito pessoal que permitiu que uma pessoa se tornasse cirurgiã e não lixeira quando sabemos muito bem que não existiria a medicina moderna sem as centenas de pessoas que recolhem o lixo e limpam a sujeira. Não existiriam grandes empresas sem a miséria que faz com que exista gente disposta a aceitar empregos sub-humanos de forma a não morrer de fome.

Nem mesmo nossas ideias são inteiramente nossas, elas são fruto daquilo que ouvimos, lemos e percebemos no ambiente ao nosso redor\*. Alguém que cresceu no meio de uma família instruída, cercada de livros, teve acesso a boas escolas, vai ter mais recursos intelectuais à sua disposição do que quem tinha pai e mãe ausentes e cresceu em um ambiente desprovido de estímulos. Faz sentido dizer que a primeira chegou à presidência de uma empresa por seu próprio mérito? Faz sentido dizer que é culpa da segunda criança ela ter ido acabar no crime? Ambas são fruto daquilo que a sociedade ofereceu a elas. No fim das contas, nossas ações dependem muito mais do contexto em que estamos – a cultura na qual estamos inseridos, a situação familiar, a conjuntura política, as

\* – Por isso a ideia de "propriedade intelectual" é tão ridícula!



informações às quais fomos expostas, as ferramentas e estruturas que nossa sociedade nos fornece – do que de qualquer esforço ou mérito individual. Esse próprio texto não é mérito de seu autor, pois não existiria sem a influência dos textos que leu, dos filmes que assistiu, das conversas (e discussões) que teve com outras pessoas. Tudo o que fazemos e pensamos é fruto de uma construção coletiva, que só existe graças às ações e ideias de bilhões de pessoas através de centenas de milhares de anos. Todas as pessoas que colaboraram com a construção dessa complexa linguagem que usamos – que permite a expressão de ideias elaboradas e pensamentos complexos –, toda a cultura, ideais, filosofias e ideologias que nos foram passadas, toda a história de nossa família e civilização – tudo isso tem um papel, e nossas ações e ideias são apenas o resultado dessa complexa equação†.

Vamos ser honestos, a meritocracia não faz nenhum sentido. Somos todos indivíduos diferentes, cada qual com seus defeitos e virtudes. Alguém pode ser melhor em cálculos complexos, estando mais apta para ser uma engenheira, por exemplo, mas não possui a humildade e a força física de quem constrói as paredes que projeta. Outra pessoa pode ter a frieza e destreza manual necessárias para ser neurocirurgiã, mas não tem a empatia e a sensibilidade fundamentais para exercer a enfermagem. Ninguém é melhor do que ninguém, ninguém merece mais do que ninguém. Como podemos medir quem é melhor que quem, quem merece mais que quem, sendo todas as pessoas tão diferentes, com histórias tão diversas, com oportunidades tão desiguais? É preciso muita arrogância para se achar capaz de julgar quem merece o quê.

O capitalismo precisa que todas as pessoas estejam constantemente competindo entre si para assim conseguir se justificar, legitimar e continuar existindo. O fato de algumas terem muito serve para iludir as demais de que, com o devido esforço e sacrifício, elas podem chegar lá. Mas o capitalismo é um golpe de pirâmide, só alguns podem chegar no topo – para cada médico, para cada juíza, para cada presidenta, são milhares de pessoas executando os trabalhos braçais necessários para as manter no topo.

A meritocracia é a vara com uma cenoura amarrada na

ponta que faz o coelho continuar correndo. Nós somos os coelhos e coelhas. Vamos parar de prestar atenção na cenoura e vamos nos concentrar em ajudarmos umas às outras. Somente através da cooperação – quando cada pessoa colabora de acordo com as suas capacidades e recebe de acordo com as suas necessidades – poderemos construir uma alternativa duradoura ao mata-mata do capitalismo.



† – De novo!



# DICAS DE SEGURANÇA DIGITAL PARA PROTESTOS

por Enxurrada.

**Q**uando tomamos as ruas para expressar nossa indignação com os rumos da política, com as medidas de austeridade ou para exigir transporte público e gratuito, muitas vezes não pensamos que estamos abrindo as portas a certos riscos que vão além dos enfrentamentos com a polícia. Em protestos estamos sujeitos a revistas e a detenções, nossos movimentos e interações são mapeados, e muitas vezes nos tornamos alvos de vigilância e repressão. É importante que busquemos exercer e atuar nossa revolta sem nos expor desnecessariamente. Essas são algumas precauções que podem ser tomadas para mantermos nossos dados seguros, protegendo assim a nossa integridade e a de nossas companheiras. Aqui estão nove dicas de segurança para manifestações na era digital.

## #1 Ative a criptografia de seu dispositivo



A criptografia completa de disco garante que todos os arquivos do seu dispositivo sejam encriptados. Essa é uma modalidade de criptografia que protege dados estáticos, comparada com criptografia-em-trânsito, que protege dados transferidos pela internet. A criptografia completa de disco protege tudo que está na sua base de dados local, de mensagens de texto a senhas que você tenha armazenadas no seu navegador. Isso é útil nos casos em que seu dispositivo é confiscado pela polícia, mas também te protege caso você perca ou tenha seu dispositivo roubado. Manifestações são geralmente imprevisíveis então perder seu telefone é uma possibilidade.

Versões recentes de Android e iOS requerem criptografia completa de disco incorporada no dispositivo. Essa criptografia deve ser protegida por uma senha forte: 8-12 caracteres randômicos mas que ainda assim sejam fáceis de lembrar e digitar cada vez que você desbloquear seu dispositivo. Se os dispositivos não estão protegidos por uma senha forte, a encriptação pode ser mais facilmente quebrada por um ataque de força bruta (quando um computador tenta milhões de combinações em pouco tempo até encontrar a certa). Edições recentes do iPhone têm utilizado hardware especializado para proteger contra esse tipo de ataque, mas uma senha complexa ainda assim é aconselhável.

## #2 Desative o desbloqueio por impressão digital



No passado, tanto iOS quanto Android usavam a mesma senha para inicializar e para desbloquear seu telefone. Recentemente, ambos introduziram um mecanismo que permite desbloquear o dispositivo usando sua impressão digital. Essa é uma forma conveniente de se assegurar que você aproveite os benefícios da criptografia de disco sem sacrificar a conveniência. Entretanto, em protestos sugerimos que você desative essa funcionalidade. A polícia pode fisicamente forçar você a desbloquear seu dispositivo usando sua impressão digital. E no âm-

bito legal, enquanto as leis digitais ainda estão em formação, atualmente há menos proteção contra coação a desbloqueio por impressão digital do que contra coação a fornecer sua senha para a polícia. Você pode restaurar sua impressão digital no seu dispositivo depois de deixar o protesto.

No iOS, você pode desativar em Ajustes » Touch ID & Senhas e remova todas as impressões digitais desse menu.

No Android, desativar essa ferramenta pode variar dependendo do fabricante. Mas em muitos dispositivos é possível desativar em Configurar » Segurança » Impressão Digital e remova todas as impressões digitais desse menu.

## #3 Tire fotos e vídeos sem desbloquear seu dispositivo



Conseguir aquela foto perfeita é algo que você quer estar preparada para fazer, e imagens poderosas podem ajudar a impulsionar sua causa. Se você está usando uma senha forte, entrar no seu dispositivo pode tomar segundos preciosos, e por em risco perder o momento que você quer capturar. Por sorte, novas versões de Android e iOS permitem que você tire fotos e vídeos sem

ter que desbloquear seu dispositivo, lhe dando o tempo certo para capturar o momento.

Em dispositivos Android essa ferramenta pode ser acessada de diferentes formas, dependendo do fabricante. Em geral basta deslizar para a esquerda na tela de bloqueio ou usar alguns dos botões físicos de volume ou power.

No iOS, basta deslizar para a esquerda na tela de bloqueio.

## #4 Instale o Signal



Signal é um aplicativo disponível tanto para iOS e Android que oferece forte encriptação para proteger tanto mensagens de texto quanto chamadas de voz. Esse tipo de proteção é chamado de criptografia de ponta-a-ponta, que protege suas comunicações em trânsito (conforme discutido no item 1). Outros aplicativos, como o WhatsApp, implementaram criptografias subjacentes. Mas acreditamos que o Signal é a melhor opção porque implementa melhores práticas para comunicação segura.

Além de encriptar comunicação de pessoa para pessoa, o Signal permite chat em grupo criptografado. O

app também adicionou recentemente uma funcionalidade capaz de fazer as mensagens desaparecerem após serem lidas. Em contraste com outros serviços como o SnapChat, essas mensagens efêmeras nunca serão armazenadas em nenhum servidor, e são removidas de seu dispositivo depois de desaparecerem.

Recentemente, um grande júri nos EUA emitiu uma intimação para a Open Whisper Systems, criadora do Signal. Em razão da arquitetura do Signal, que limita os metadados de usuário armazenados nos servidores da empresa, os únicos dados que foram capazes de fornecer foram “a data e o horário que a pessoa se registrou com o Signal e a última data em que ela se conectou com o Signal.”

## #5 Use um telefone pré-pago anonimizado



Se você está realmente preocupado com os dados armazenados no seu dispositivo, não leve seu telefone de forma alguma e arranje outro aparelho com um chip pré-pago não vinculado a você. Apesar de o cadastro de CPF ser obrigatório cada vez que você compra e ativa um novo chip, na maioria dos casos você não precisa apresentar seu documento. Então é possível utilizar um CPF de outra pessoa, como algum político (que tem seus dados publicados em sites oficiais), alguém que já faleceu ou usando um CPF randômico gerado em sites.

Com esse novo chip e telefone em mãos, dê seu número temporário para suas amigas e use esse telefone

para coordenar suas ações. Lembre-se que a localização de telefones celulares podem ser determinada pelas torres com as quais se conectam, então se quiser preservar seu anonimato, desligue o aparelho antes de ir para casa ou qualquer outro lugar que possa ser relacionado com sua identidade. Usar GPS deve ser seguro, já que GPS é um receptor e não transmite nenhuma informação, mas cuidado pois seu dispositivo pode armazenar suas coordenadas. Por isso, sugerimos que mesmo assim desative os serviços de localização seguramente em um local que não seja vinculado a você. Tenha em mente que se você carregar ambos os aparelhos contigo, a localização deles pode ser correlacionada como uma forma de revelar sua identidade.

## #6 Faça uma cópia de segurança de seus dados



Tome precauções para limitar os possíveis problemas que podem ser gerados pela perda de um dispositivo. Fazer backup de

seus dados regularmente e armazenar esses dados em um local seguro pode te poupar de muita dor de cabeça.

## #7 Considere ir de bicicleta ou caminhando para o protesto



Hoje em dia existem sistemas de vigilância que capturam automaticamente as placas de carros dirigindo sobre uma determinada área, juntamente com a hora exata, o dia e a localização. Essa tecnologia já é utilizada comumente pela polícia e empresas privadas em países como os EUA e a Inglaterra. Reunidos em grandes bancos de dados, esses dados ficam retidos por tempo indeterminado. Ainda que não haja

um uso indiscriminado dessas tecnologias no Brasil, o sistema pode ser comparado com as inúmeras câmaras de vigilância de trânsito que as grandes cidades do país já possuem, e que gravam todos os nossos movimentos, em especial dos carros.

Portanto, considere usar métodos alternativos de transporte se você prefere que seus movimentos e interações permaneçam privados.

## #8 Ative o modo-avião



O modo-avião garante que seu dispositivo não estará transmitindo sinais durante a duração do protesto, e previne que sua localização seja rastreada. Infelizmente, isso também significa que você não se-

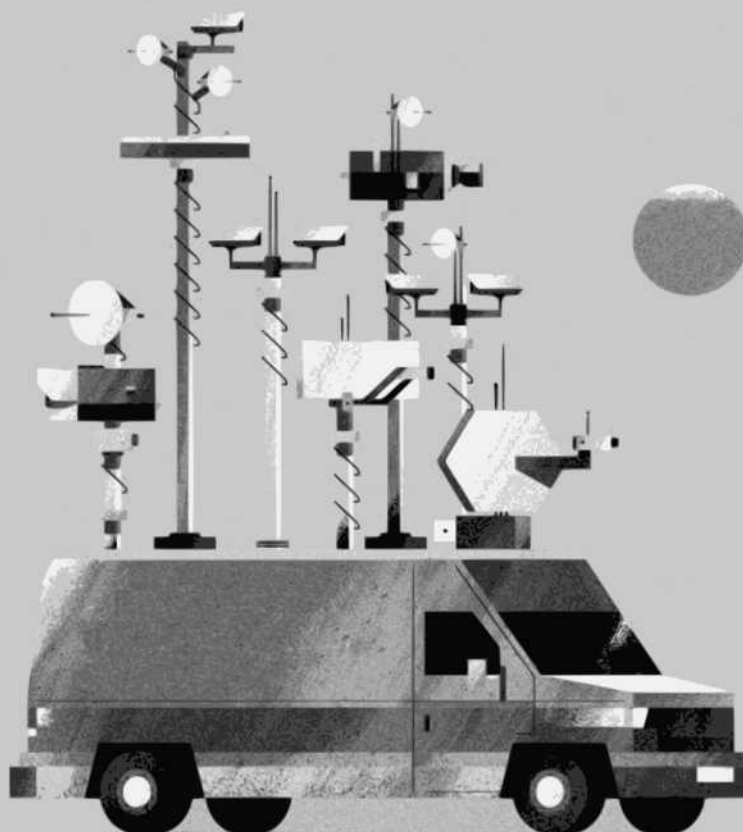
rá capaz de enviar mensagens ou ligar para suas amigas, então planeje antecipadamente. Você pode escolher um local próximo como ponto de encontro caso você e suas amigas se separem. Você também deve desativar os serviços de localização (como discutido na dica #5).

## #9 Organizadoras: considerem alternativas a Facebook e Twitter



O Facebook e o Twitter oferecem uma grande audiência para você promover sua causa, mas essas populares plataformas de redes-sociais também carregam muitos riscos. Visualizar uma página de um evento, comentar no evento, e declarar sua intenção de

comparecer em um evento são todas ações visíveis para as forças policiais no caso de páginas e postagens públicas, e às vezes mesmo páginas privadas (com ordem judicial). Para ações que requerem um cuidado maior, considere um chat de grupo no Signal como descrito acima.







## ESTENCIL

### Como fazer:

- 1) Você pode usar esta folha ou fazer uma cópia. Como este papel não dura muito para estêncil, fazer uma cópia, de preferência em papel sulfite grosso, é uma boa ideia.
- 2) Use um estilete e recorte as partes pretas.
- 3) Encoste a folha recortada na superfície e passe spray, rolo de tinta ou esponja.
- 4) Corra e não seja pegx!

# Cuidando do Básico

Comer bem



dormir + descansar



exercícios





# The Icarus Project [www.theicarusproject.net](http://www.theicarusproject.net) Uma Rede de Apoio de Saúde Mental Radical

feita por e para pessoas enfrentando seus dons perigosos  
comumente chamados de doenças mentais.



**No fogjo**

# Não domamos a natureza porra nenhuma

por Coiote.



**I**so mesmo que você leu no maldito título, com palavão e tudo. Não domamos a natureza porra nenhuma. Não domamos nossa natureza interior e muito menos a natureza que existe fora de nós. Provavelmente nunca iremos domar nenhuma das duas, pois a natureza é um sistema muito maior, do qual somos apenas uma pequena parte.

Construímos toda uma sociedade, criamos leis, costumes morais, e uma série de categorizações que nos dizem o quão diferente somos dos outros bichinhos. Porém, ainda sentimos fome, sede, sono, e continuamos sujeitos às mesmas paixões amorosas e violentas que os outros animais também sentem.

Quanto à natureza exterior, basta uma rápida saída na rua para entender do que estou falando. Por entre os paralelepípedos e o concreto, as plantas continuam crescendo. Nos postes e fios de luz, os pássaros continuam cantando. A chuva também segue caindo e o sol segue nascendo e se pondo.

Sabe o que a chuva, os pássaros, o sol e as plantas têm em comum? Nenhum deles dá a mínima para nossos projetos megalomaniacos de crescimento a todo o custo; todos seguem fazendo o que faziam antes de nós e provavelmente continuarão fazendo o mesmo depois que passarmos. Por mais que nos esforcemos, não somos capazes de gerar grandes mudanças em nenhum destes ciclos.

Agora que desinflamamos um pouco nossos egos, que tal admitirmos que não passamos de macaquinhos carecas,

tão dependentes do sol e da chuva quanto todos os outros bichinhos? Fazer isto é o primeiro passo para entender que não somos melhores que os pássaros ou que as plantas e para viver em harmonia com a natureza.

Mas e se eu não quiser viver em harmonia com a natureza? Poderia perguntar alguém que não quer largar seus privilégios de raça dominante do planeta Terra. Bem, caro amiguinho, se insistirmos nesse modo de produção antinatural e doentio, toda a nossa espécie (e muitas outras para as quais você provavelmente não liga) desaparecerão do planeta.

Ok, sei que pode parecer uma certa paranóia de fim do mundo holywoodiana, mas não é. Enquanto você lê este texto, a natureza dá o troco por toda nossa irresponsabilidade. Eventos climáticos extremos (leia-se tsunamis, terremotos, ciclones, secas e chuvas extremas) estão cada vez mais comuns; além disso, a temperatura nos oceanos está aumentando por causa dos gases que liberamos na atmosfera (estes dois fatos são consenso na comunidade científica) ameaça nossa principal fonte de oxigênio: algas microscópicas.

Ou seja, estamos longe de ter domado a natureza, tudo o que conseguimos foi irritá-la para garantir um pouco mais de conforto e privilégios para uma pequena parte de nossa espécie. Se não mudarmos drasticamente nosso modo de viver entraremos para a mesma categoria dos dinossauros e dodôs: a de animais extintos.



# TESTEMUNHO SEM PUDOR

uma pequena história sobre autoexame vaginal no movimento de autocuidado feminista nos E.U.A.

**O** texto a seguir é a introdução do artigo “*Immodest Witnessing*”, de Michelle Murphy, publicado em 2004, que fala sobre o papel do autoexame vaginal no movimento feminista do anos 1970.

No dia 7 de abril de 1971, o aborto ainda era ilegal em 44 dos 50 estados nos EUA; apenas dali a dois anos a Suprema Corte daquele país tomaria a decisão de ignorar as leis estaduais e legalizar nacionalmente o aborto nos três primeiros meses da gestação. Enquanto isso, grupos feministas de conscientização floresciam em cada cidade grande nos EUA, incluindo Los Angeles. Um punhado de mulheres negras em Watts formou a primeira organização de base pelo bem-estar de mães, a ANC Mães Anônimas. Estudantes em Long Beach, na Califórnia, fundaram um grupo e um jornal feminista voltado às mulheres de origem mexicana, e um grupo de feministas asiático-ame-

ricanas estava organizando uma edição especial sobre mulheres no jornal radical da comunidade asiática, *Guidra*. Nesta noite em particular, dezenas de feministas frustradas, a maior parte de ativistas euro-americanas pró-aborto, reuniram-se numa casa em Los Angeles que mais parecia a *Everywoman's Bookstore*. O assunto da discussão era a possibilidade de aprender a fazer abortos por si mesmas. Sentadas em círculo no chão, elas apresentaram-se e descreveram o escopo dos seus trabalhos políticos – manifestações e recomendações – com um ar de insatisfação.

Carol Downer era uma das organizadoras do encontro. Quando foi a sua vez, ela quis compartilhar algo que havia aprendido numa clínica ilegal de aborto no Santa Monica Boulevard. Lorraine Rothman, que viria a se tornar sua parceira na formação do movimento feminista de autocuidado, estava lá e lembra muito bem desta primeira reunião.

Ela levou-nos para um cômodo adjacente e tirou tudo

que estava em cima da mesa. Depois, fechou todas as cortinas... E enquanto falava, tirou a calcinha, colocou-a num canto, e subiu em cima da mesa – ela não olhou o rosto de ninguém – e subiu na mesa, posicionou uma almofada que já havia preparado, e levantou sua saia. Tinha uma saia bem comprida que ela podia usar para cobrir e descobrir as pernas. Aí mostrou-nos esse espéculo vaginal de plástico, coisa que eu nunca tinha visto. Nunca tinha visto um espéculo, mesmo tendo feito inúmeras visitas [ao ginecologista]... e tive filhos! ... E ela disse, “o que vou mostrar a vocês” ... e ela fez todo o processo, inseriu o espéculo na vagina... Ela usou uma lanterna e um espelho para poder ver a si mesma e ter certeza que o seu colo do útero estava à vista... Aí disse, “querem ver?”

Estávamos todas ao seu redor absolutamente impressionadas com o que ela foi capaz de fazer. E com o fato de que esta parte específica do corpo, que era inacessível para nós, estava agora sendo *vista*... Aquilo era muito revolucionário! O simples ato de colocar um espéculo na nossa própria vagina e mostrar aquela parte do nosso corpo e ser capaz de vê-la da mesma forma trivial como nos vemos no espelho pela manhã era incrível.

Embora todas lutassem pelo aborto, as mulheres nessa primeira reunião feminista de autocuidado sabiam muito pouco sobre a mecânica do procedimento pelo qual estavam lutando, mesmo que tivessem elas mesmas passado por um aborto. Poucas haviam visto alguma vez sua vagina por dentro.

A esse respeito, Downer, casada, branca, mãe de baixa classe média com quatro crianças, era uma anomalia. Ela foi aprendiz, na Califórnia, do Exército das Três – Patricia Maginnis, Rowena Gurner e Lana Clarke Phelan – que era excepcional com sua banca confrontadora, satírica e feminista sobre direitos de aborto nos anos que antecederam a explosão dos feministas no final dos anos 1960. Baseado nas suas “aulas sobre aborto”, o Manual de Aborto para Mulheres Responsáveis, escrito tanto para ultrajar quanto para informar, aconselhava as mulheres

sobre os detalhes de como encontrar um abortador de “fundo de quintal”, fingir uma hemorragia, ou induzir um aborto com os próprios dedos. Sob sua tutela e com a vontade de iniciar um serviço feminista de aborto ilegal em Los Angeles, Downer começou a pesquisar a vasta gama de técnicas para realizar um aborto. Ficou particularmente impressionada com a tecnologia usada na clínica local, um simples aparelho de sucção que oferecia uma alternativa muito mais branda do que o típico aborto por dilatação e cureta (uma faca com formato de colher para raspar as paredes do útero). À medida que os preparativos para um serviço feminista de aborto ilegal estava em andamento, o acesso ao aborto havia sido ampliado dramaticamente na Califórnia. As mulheres estavam literalmente formando filas pelos quarteirões enquanto abortadores legais orquestravam a legitimação do que foi aprovado nos comitês médicos. Contudo, Downer passou a acreditar que aquele conhecimento técnico era essencial para o movimento. Na mesma reunião onde ela demonstrou o autoexame vaginal, Downer também passou às mulheres uma grande seringa com uma longa cânula flexível que poderia ser usada para retirar manualmente o conteúdo do útero. Rothman usou esta tecnologia como a base para o desenvolvimento do “Del-em”, um dispositivo de “extração menstrual” que poderia ser facilmente construído e com o qual as mulheres poderiam se ajudar a esvaziar o conteúdo de seus úteros durante a menstruação ou no início da gravidez.

O espéculo de plástico e o kit de extração menstrual viriam a se tornar os principais artefatos do movimento de autocuidado feminista. Não apenas estas duas tecnologias, mas também o formato deste primeiro encontro de conscientização – mulheres sentadas em círculo no chão, trocando experiências, “como havíamos feito” – tornou-se o método fundamental do movimento. Desde o seu começo, a prática do autoexame vaginal esteve sempre junto da política e da história tanto do aborto quanto da epistemologia feminista.



# O ATIVISMO NARCISISTA E A ESCUTA AUTORITÁRIA

Faz uns anos recebi um texto muito bom sobre escuta autoritária. Estava rolando no facebook, rede social onde tudo se perde muito rápido, e a esta altura já não recordo quem foi que mandou tão bem na crítica. Então, o que segue abaixo é meio plágio, meio adaptação, mas espero que continue com a mesma intensidade.

O título "original" era "A senhora lacra, mulher", seguido deste que estou usando aqui. Como não lembro mais do contexto da lacração, tirei. Mas fica aqui registrado. Agora, vamos ao escrito.

Chamo de ativismo narcisista aquele autocentrado, em que o ativista considera a si mesmo como molde de perfeição da luta. Geralmente intolerante e duro com o outro, este ativismo é tomado de um discurso autoritário explícito: não se move, não se abre a atravessamentos e nem a construções, rejeita a discordância e se protege acusando o interlocutor. É o ativismo que não está disposto a nada além de seus monólogos e seus momentos de estrelato.

Acredito que este ativismo se constitua a partir de uma confusão básica entre "intolerância" e "radicalidade política", acreditando que ao manter-se em constante "defesa", recusando-se a eventualmente rever suas posturas (principalmente, revê-las em público), a pessoa estará sustentando uma posição política firme. Mas firmeza não é dogmatismo, né? Representatividade não é "autopromoção". Não há problema algum que ativistas sejam famosas. Aliás, é mesmo importante que mulheres negras, mulher trans e tantas outras que historicamente ocupam espaços subalternos estejam na mídia e estejam tendo visibilidade e sendo escutadas. Quero mesmo é que tenhamos cada dia mais visibilidade e mais e maiores conquistas. O problema está quando o discurso se esvazia na busca dos likes e da "lacrção" e não se abre ao dissenso, à discordância.

"Lacrar" ou fechar o debate de maneira contundente e às vezes humilhando o outro pode ter lá sua função, e provavelmente tem. Mas não é com autoritarismo que se constrói uma política libertadora. Não é com uma "fala" que rejeita "escuta" que se pode sensibilizar o outro. Há,

em todos os grupos que reúnem ativistas, disputas para saber quem fala, quem pode ter voz, e principalmente, há uma disputa para saber quem "problematiza" mais e melhor. A marca do ativismo narcisista é atacar tudo: não há desconstrução, mas destruição.

Desconstrução é um conceito que conheci através da leitura do filósofo argelino Jacques Derrida. Em suas posições, desconstruir é um processo de deslocar os sistemas de pensar, permitindo que eles estejam abertos, que não se enclausurem em verdades violentas. Em seu texto *Gramatologia*, a pergunta marcante é "Como, então, fugir a essa verdade violenta?". Desconstruir é, pois, uma prática de alteridade também e não a imposição de uma nova verdade violenta em substituição às antigas. A questão que devemos nos colocar é: Como posso produzir deslocamentos se parto de uma fixidez de mim e do outro?

Talvez o caminho esteja em fugir da escuta autoritária. Mas, afinal, o que é escuta autoritária? Acredito que seja uma postura (bastante comum, todos nós já a tivemos) de escuta, estruturada nas seguintes características:

1) Escuto buscando o erro no discurso do outro, procurando o que preciso reclamar, o que preciso problematizar, o que está fora do lugar. Não há preocupação em entender, mas em localizar um ponto para atacar;

2) O desprezo apriorístico: "Vai, fala, não deve sair nada bom mesmo, mas não custa deixar falar. Fala aí";


3) A escuta temporal: escuto buscando o intervalo em que poderei fazer algum comentário genial, e "lacrar", fechar bombasticamente a discussão.

4) Negação da subjetividade: "É omi, cis, hetero e branco? Morre! Não tem que falar" (Como é que escuta assim, gente?)

Rompendo com essa escuta, a gente aprende a falar e talvez a gente possa ouvir as narrativas do outro, e entender o caminho para promover a empatia.

Ao fim, o ativismo narcisista somado à escuta autoritária só quer saber de uma coisa mesmo: ser aclamado por ter destruído discursivamente o outro. E não é por aí que queremos seguir.





**QUEM AINDA  
NÃO OUVIU O QUE  
EU DISSE?**

# O Choque da

# VITÓRIA

*Texto adaptado de David Graeber.*

O maior problema que se apresenta aos movimentos de ação direta é que não sabemos como lidar com a vitória.

Podem parecer estranho dizer isso, pois muitas pessoas desses movimentos não têm se sentido particularmente vitoriosas nos últimos tempos. A maioria das anarquistas sente que o movimento pela justiça global foi uma espécie de lampejo: inspirador, sem dúvida, enquanto durou, mas não conseguiu derrubar duradouras raízes organizacionais nem transformar os contornos do poder no mundo. O movimento contra a guerra foi ainda mais frustrante, pois anarquistas e suas táticas foram marginalizados. A guerra irá terminar, é claro, mas apenas porque guerras sempre terminam. Ninguém sente que contribuiu muito para isso.

Quero sugerir uma interpretação alternativa. Vou esboçar aqui três proposições iniciais:

1. Por mais estranho que pareça, as classes dominantes vivem com medo de nós. Parecem ainda se assustar com a possibilidade de que, se o cidadão médio souber o que pretendem, todos eles acabem pendurados em árvores. Parece implausível, mas é difícil pensar em outra explicação para a maneira como eles entram em pânico quando surge o menor sinal de mobilização em massa, especialmente de ação direta em massa, e em geral tentam desviar a atenção iniciando algum tipo de guerra.
2. De certa forma, esse pânico é justificado. A ação direta em massa — em especial quando organizada em linhas democráticas\* — é incrivelmente eficaz. Nos últimos trinta anos, nos Estados Unidos, houve apenas dois exemplos de ação em massa desse tipo: o movimento nuclear no fim dos anos 70 e o chamado movimento “antiglobalização”, aproxi-

madamente de 1999 a 2001. Nos dois casos, os principais objetivos políticos foram atingidos muito mais rápido do que quase todo mundo imaginava ser possível.

3. O verdadeiro problema que esses movimentos enfrentam é que sempre são surpreendidos pela velocidade de seu sucesso inicial. Nunca estamos preparadas para a vitória. Ficamos confusas. Começamos a lutar umas contra as outras. O aumento da repressão e dos apelos ao nacionalismo que inevitavelmente acompanham uma nova rodada de mobilização de guerra então cai como uma luva para autoritários de todos os lados do espectro político. Como resultado, quando todo o impacto de nossa vitória inicial se torna claro, geralmente estamos ocupadas demais sentindo-nos fracassadas para sequer notá-lo.

Vou analisar os dois exemplos mais proeminentes caso a caso:

## **I. O movimento antinuclear**

O movimento antinuclear do fim dos anos 70 marcou a primeira aparição, na América do Norte, do que hoje consideramos táticas e formas de organização padrão do anarquismo: ações em massa, grupos de afinidade, conselhos de porta-vozes, processo de consenso, solidariedade carcerária, o próprio princípio de democracia direta descentralizada. Era tudo um tanto primitivo, em comparação com o que temos agora, e havia diferenças significativas — como uma concepção muito mais estrita, de estilo gandhista, de não-violência —, mas todos os elementos estavam presentes e foi a primeira vez que vie-

\* **Nota da Revista:** Graeber pensa comumente na palavra democracia como algo positivo. Supõe-se que o autor faz essa escolha estrategicamente, se utilizando de um certo senso utópico de democracia sustentado por grande parte das pessoas, em especial no ocidente. Segundo ele, apesar da apropriação da palavra pelos mais variados tipos de governos ao redor do mundo, esse espírito ao redor do termo justifica o imenso trabalho de reapropriá-lo. Esse é um tema onde não há um consenso entre anarquistas, principalmente no pensamento contemporâneo. Existe uma série de textos tentando aprofundar essa perspectiva, boa parte deles foram traduzidos e podem ser lidos aqui [faccaoficticia.noblogs.org/publicacoes/democracia/](http://faccaoficticia.noblogs.org/publicacoes/democracia/)

ram juntos no mesmo pacote. Durante dois anos, o movimento cresceu e deu todos os sinais de se tornar um fenômeno de proporção nacional. Depois, quase tão rápido quanto se desenvolveu, desintegrou-se.

Tudo começou quando, em 1974, alguns pacifistas que haviam se tornado agricultores orgânicos na Nova Inglaterra conseguiram bloquear a construção de uma usina nuclear proposta em Massachusetts. Em 1976, uniram-se a outros ativistas da região, inspirados pelo sucesso da ocupação de um ano de uma usina na Alemanha, para criar a Clamshell Alliance. Embora a aliança nunca tenha feito uma ocupação, conseguiram colocar a própria ideia da energia nuclear em questão de forma nunca antes vista. Coalizões semelhantes começaram a brotar por toda parte.

As três primeiras ações em massa da Clamshell, em 1976 e 1977, foram bem-sucedidas. Porém, a aliança logo entrou em crise por questões relativas ao processo democrático. Em maio de 1978, um recém-criado Comitê Coordenador violou o processo para aceitar uma oferta de última hora do governo de uma manifestação legal de três dias em Seabrook no lugar de uma quarta ocupação planejada (a desculpa foi a relutância em desagradar à comunidade local). Tiveram início azedos debates sobre consenso e relações comunitárias, que se estenderam para o papel da não-violência (mesmo atravessar cercas, ou medidas defensivas como máscaras de gás, haviam sido originalmente proibidas), à discriminação de gênero e assim por diante. Em 1979, a aliança já estava em pedaços. A Abalone Alliance durou mais, até 1985, em parte devido a seu forte núcleo de anarcofeministas.

Visto de fora, não parece muito inspirador. Porém, o que o movimento estava realmente tentando alcançar? Pode ser útil aqui mapear toda a sua gama de objetivos:

1. Objetivos de curto prazo: bloquear a construção da usina nuclear em questão (Seabrook, Diablo Canyon...);
2. Objetivos de médio prazo: bloquear a construção de toda nova usina nuclear, deslegitimar a própria ideia de energia nuclear e começar a caminhar rumo à conservação e à energia verde e legitimar novas formas de resistência não-violenta e democracia direta de inspiração feminista;
3. Objetivos de longo prazo: (pelo menos para os elementos mais radicais) esmagar o Estado e destruir o capitalismo.

Assim sendo, os resultados são claros. Os objetivos de

curto prazo quase nunca foram atingidos. Apesar de numerosas vitórias táticas (atrasos, falências de empresas de serviços, ordens judiciais), as usinas que se tornaram o foco da ação em massa acabaram entrando em atividade. Os governos simplesmente não podem se permitir perder uma batalha dessas. Os objetivos de longo prazo também não foram alcançados. Contudo,\* uma razão para isso foi \*que os de médio prazo o foram de maneira quase imediata. As ações de fato deslegitimaram a própria ideia da energia nuclear — elevando a consciência pública ao ponto de o derretimento da usina de Three Mile Island, em 1979, ter condenado a indústria para sempre. Houve de fato um direcionamento maior à conservação, à energia verde, e uma legitimação de novas técnicas democráticas de organização. Tudo isso aconteceu muito mais rápido do que qualquer pessoa havia imaginado.

Em retrospecto, é fácil observar que a maioria dos problemas decorrentes foi produto direto da própria velocidade do sucesso do movimento. Os radicais esperavam estabelecer elos entre a indústria nuclear e a própria natureza do sistema capitalista que a criou. Porém, o capitalismo não hesitou em descartar a energia nuclear e abraçar a ideia de empresas “verdes”, chamando para a mesa representantes de ONGs.

O resultado inevitável foi uma série de acalorados debates estratégicos no movimento. Contudo, é impossível entender isso sem primeiro entender que debates estratégicos, dentro de movimentos diretamente democráticos, raras vezes são conduzidos como tais. Quase sempre assumem a forma de debates sobre outro assunto. A questão do capitalismo, por exemplo. Os anticapitalistas costumam ter prazer em discutir sua posição sobre o assunto. Os liberais, por outro lado, não gostam de ter de dizer “na verdade, sou a favor da manutenção do capitalismo”, por isso, sempre que possível, tentam mudar de assunto. Portanto, debates que na realidade são sobre desafiar ou não diretamente o capitalismo acabam ocorrendo como se fossem discussões de curto prazo acerca de táticas e não-violência. Socialistas autoritários ou outros que suspeitam da democracia em si também não gostam de fazer disso uma questão e preferem discutir a necessidade de criar as coalizões mais amplas possíveis.

Aquelas pessoas que apreciam a democracia mas sentem que um grupo está tomando a direção estratégica errada com frequência acham muito mais eficaz desafiar seu processo de tomada de decisão do que as decisões em si. Existe outro fator ainda menos lembrado, mas que julgo ter igual importância. Todo mundo sabe que ante uma coalizão ampla e potencialmente revolucionária, a primeira atitude de qualquer governo é tentar rachá-la. Fazer concessões para aplacar os moderados e ao mesmo tempo criminalizar ativistas radicais — é o bêabá da arte de governar.

## II. O movimento pela justiça global

Vou presumir que quem está lendo este artigo já sabe bastante sobre as ações em Seattle, os bloqueios do FMI e do Banco Mundial no A16 em Washington seis meses depois e assim por diante. (Para mais informações, leia o livro *Cercas e Janelas* de Naomi Klein.)

Nos E.U.A., o movimento irrompeu de forma tão rápida e dramática que nem a mídia foi capaz de ignorá-lo. E



Manifestantes pacíficas protestam contra a construção da usina nuclear em Seabrook.

logo a devorar a si mesmo. Redes de Ação Direta (DANs) foram fundadas em quase toda grande cidade norte-americana. Enquanto algumas (como Seattle e Los Angeles) eram reformistas, anticorporativistas e adeptas de estritos códigos de não-violência, a maioria (como as de Nova York e Chicago) era anarquista e anticapitalista e se dedicava à diversidade de táticas. Outras cidades (Montreal, Washington) criaram Convergências Anticapitalistas ainda mais explicitamente anarquistas. As DANs anticorporativistas dissolveram-se quase de imediato, mas muito poucas duraram mais do que alguns anos. Houve intermináveis e intensos debates: sobre não-violência, sobre manifestações em reuniões de cúpula, sobre questões relativas a racismo e privilégios, sobre a viabilidade do modelo de rede. Então, veio o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, seguido de um enorme crescimento do nível de repressão e paranoia, e a fuga desesperada de quase todos os nossos antigos aliados dos sindicatos e das ONGs.

O 11 de Setembro foi um evento tão estranho, uma catástrofe tão grande, que era quase impossível perceber qualquer outra coisa ao redor. Como consequência, quase todas as estruturas criadas no movimento de globalização ruíram. Porém, uma razão pela qual isso foi tão fácil, foi não apenas que a guerra parecia uma preocupação mais imediata, mas também que, mais uma vez, na maioria de nossos objetivos imediatos, já tínhamos, inesperadamente, vencido.

Havia dois grandes objetivos no movimento. Um era ajudar a coordenar a ala norte-americana de um vasto movimento global contra o neoliberalismo a acabar com a hegemonia das ideias neoliberais, deter todos os grandes acordos comerciais (a Organização Mundial do Comércio, a ALCA) e desacreditar e por fim destruir organizações como o FMI. O outro era disseminar um modelo de democracia direta: descentralizado, estruturado em grupos de afinidade e processo de consenso, para substituir estilos de organização ativistas antiquados, com seus comitês de gestão e suas alterações ideológicas.

É óbvio que não conseguimos alavancar uma revolução social. No entanto, uma razão pela qual nunca chega-

mos ao ponto de inspirar centenas de milhares de pessoas a se levantar foi, de novo, o fato de termos atingido nos outros objetivos de maneira tão rápida. Pegue a questão da organização: embora as coalizões antiguerra ainda operem como grupos de frente popular verticalizados, quase todos os grupos radicais de pequeno porte não dominados por sectários marxistas de uma ou outra vertente — e isto inclui qualquer um, desde organizações de imigrantes sírios em Montreal a jardins comunitários em Detroit — hoje operam segundo princípios anarquistas. Mesmo que não saibam disso. Ou vamos analisar o domínio das ideias. A ideia de que um capitalismo superpoderoso e irrestrito, com “livre comércio” e “mercados livres”, seria a única direção possível para a História humana era assumida de forma tão integral que qualquer pessoa que a questionasse era tratada como doida. Ativistas da justiça global, quando chamaram a atenção da CNN ou da Newsweek pela primeira vez, foram taxadas como pessoas lunáticas reacionárias. Um ano ou dois mais tarde, ambas diziam que tínhamos ganhado a discussão.

Em geral, quando faço essa observação diante de um público anarquista, alguém rebate: “Claro, a retórica mudou, mas as políticas continuam as mesmas.” Isso é verdade de certa maneira. Isto é, é verdade que não destruimos o capitalismo. Entretanto, pode-se dizer que a ala horizontalista e voltada para a ação direta do movimento global contra o neoliberalismo lhe desferiu um golpe maior em apenas dois anos do que qualquer um desde, digamos, a Revolução Russa.

Permitam-me analisar ponto a ponto:

**Acordos de livre comércio.** Todos os ambiciosos tratados de livre comércio planejados desde 1998 fracassaram. O AMI foi desbancado; a ALCA, foco das ações em Quebec e Miami, foi freada. Hoje ninguém nem fala em tratados amplos e ambiciosos nessa escala.

**Organização Mundial do Comércio.** Após a catástrofe (para eles) em Seattle, os organizadores levaram o encontro seguinte para a ilha de Doha, no Golfo Pérsico. O problema foi que, encorajados pelo movimento de protesto, os governos do Hemisfério Sul começaram a insistir em que não iriam mais abrir suas fronteiras para importações



Polícia entra em choque com manifestantes contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle, 1999.

agrícolas de países ricos a menos que estes parassem de despejar bilhões de dólares em subsídios sobre seus próprios agricultores, impossibilitando os do Sul de competir. Já que os E.U.A. em particular não tinham a menor intenção de fazer os sacrifícios que exigiam do resto do mundo, todos os acordos foram cancelados. Em julho de 2006, Pascal Lamy, cabeça da OMC, declarou a rodada de Doha encerrada, e agora ninguém sequer fala em outra negociação com a entidade por pelo menos dois anos — quando ela pode muito bem ter deixado de existir.

#### **O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.**

Eis a história mais impressionante de todas. O FMI está se aproximando rapidamente da falência, e isto é resultado direto da mobilização mundial contra ele. Para ser mais direto: nós o destruímos. O Banco Mundial não vai muito melhor. Porém, no momento em que todos os efeitos foram sentidos, nem estávamos prestando atenção.

Vale a pena contar essa última história em detalhes, por isso permitam-me abandonar os tópicos por um momento e continuar com o texto principal:

O FMI sempre foi o arquivilão da luta. É o instrumento mais poderoso, mais arrogante, mais impiedoso por meio do qual políticas neoliberais foram, nos últimos 25 anos, impostas aos países mais pobres, basicamente pela manipulação da dívida. Em troca do refinanciamento emergencial, o FMI exigia “programas de ajustamento estrutural” que forçavam imensos cortes na saúde e na educação, pisos para os preços de alimentos, além de intermináveis esquemas de privatização que permitiam a capitalistas estrangeiros apropriarem-se de recursos locais a preços de queima de estoque. O ajustamento estrutural nunca serviu para reerguer a economia dos países, significou apenas a manutenção da crise, e a solução sempre foi insistir em mais uma rodada de ajustamento estrutural. O FMI teve outro papel, menos celebrado: o de fiscal do mundo. Era seu trabalho garantir que país algum (independente do nível de pobreza) jamais tivesse direito à moratória em empréstimos de banqueiros ocidentais (independente do nível de estupidez).

Entretanto, a Argentina declarou a moratória e se safou. Nos anos 90, o país foi o melhor aluno do FMI na América Latina — privatizou quase todas as instituições públicas. Então, em 2002, a economia desmoronou. Os resultados imediatos, todos conhecemos: batalhas nas ruas, assembleias populares, a queda de três governos em um mês, estradas bloqueadas, fábricas ocupadas... O “horizontalismo” — princípio amplamente anarquista — estava no centro da resistência popular. Quando Néstor Kirchner, um social-democrata moderado, assumiu o poder em 2003 ele foi bastante perspicaz. Não declarou a moratória dos empréstimos do FMI. Declarou a dívida privada da Argentina, anunciando que, para todos os empréstimos pendentes, pagaria apenas 25 centavos por dólar. O Citibank e o Chase, é claro, foram ao FMI, seu costumeiro fiscal, exigir punição. Porém, pela primeira vez em sua história, o Fundo não se mexeu.

Então o país teve permissão para se safar. Depois disso, tudo mudou. Brasil e Argentina juntos conseguiram

pagar sua dívida restante ao próprio FMI. Com uma pequena ajuda de Chávez, o resto do continente fez o mesmo. Em 2003, a dívida latino americana com o FMI era de US\$ 49 bilhões. Hoje, é de US\$ 694 milhões. A Ásia veio em seguida. China e Índia não têm dívida remanescente com o FMI e se recusam a tomar novos empréstimos. O boicote agora inclui Coreia, Tailândia, Indonésia, Malásia, Filipinas e praticamente todas as outras economias regionais importantes. A Rússia também. O Fundo está relegado ao controle das economias da África e talvez de algumas partes do Oriente Médio e da antiga esfera soviética (basicamente aquelas que não possuem petróleo). Como resultado, suas receitas despencaram 80% em quatro anos. Na maior das ironias possíveis, cada vez mais parece que o FMI chegará à falência se não encontrar alguém disposto a resgatá-lo.

O Banco Mundial, que logo assumiu o papel de bom guarda, está em forma um tanto melhor. Mas não muito — sua receita caiu apenas 60%, não 80%, e há poucos boicotes de verdade. Por outro lado, o Banco é mantido vivo em grande parte pelo fato de Índia e China ainda estarem dispostas a lidar com ele, e as duas partes sabem disso, portanto ele não está mais em grandes condições de ditar regras.

Isso tudo não significa que todos os monstros foram aniquilados. Na América Latina, aquele neoliberalismo do Consenso de Washington e do FMI pode estar em baixa (Nota da revista: a flexibilização das leis trabalhistas, a reforma da previdência, os cortes na verba da saúde e de educação públicas continuam, agora não aparecem mais como mudanças estruturais em troca de empréstimos com um agente global do capital, mas como medidas de austeridade que, segundo os políticos, vão mais uma vez poder salvar o país de mais uma crise), mas a China e a Índia estavam executando “reformas” devastadoras dentro de seus próprios territórios; as proteções sociais na Europa estão sob ataque; e a maior parte da África, a despeito de muito exibicionismo hipócrita da parte dos Bonos e dos países ricos do mundo, ainda está afundada em dívidas, e agora também enfrenta uma nova colonização pela China.

Os E.U.A., com seu poderio econômico retrocedendo na maior parte do mundo, estão tentando freneticamente redobrar seu domínio sobre o México e a América Central. Não vivemos numa utopia. Mas já sabíamos disso. A questão é por quê nunca percebemos nossas vitórias.

Olivier de Marcellus, um ativista suíço da AGP, aponta para uma razão: sempre que algum elemento do sistema capitalista leva uma porrada, seja a indústria nuclear ou o FMI, alguma publicação de esquerda nos explica que, de fato, é tudo parte do plano deles — ou, quem sabe, um efeito do desenrolar das contradições internas do capital, mas, sem dúvida, nada pelo qual nós sejamos de alguma forma responsáveis. Mais importante ainda, talvez, seja nossa relutância em sequer pronunciar a palavra “nós”. A moratória argentina, ela não foi realmente engendrada por Néstor Kirchner? O que ele tem a ver com o movimento de globalização? Quer dizer, ele não foi forçado por milhares de cidadãos que se rebelavam, depredavam bancos e substituíam o governo por assembleias popu-



lares. Bem, está certo, talvez tenha sido.

De minha parte, creio ser razoável um movimento global considerar suas realizações em termos globais. Elas não são desprezíveis. Porém, assim como ocorreu com o movimento antinuclear, eram quase todas de médio prazo. Permitam-me mapear uma hierarquia de objetivos semelhante à anterior:

1. Objetivos de curto prazo: interromper e encerrar reuniões de cúpula específicas (FMI, OMC, G8, etc.);
2. Objetivos de médio prazo: destruir o “Consenso de Washington” acerca do neoliberalismo, bloquear todos os novos pactos comerciais, deslegitimar e por fim acabar com instituições como a OMC, o FMI e o Banco Mundial; disseminar novos modelos de democracia direta;
3. Objetivos de longo prazo: (pelo menos para os elementos mais radicais) esmagar o Estado e destruir o capitalismo.

Mais uma vez, encontramos o mesmo padrão. Após o milagre de Seattle, objetivos de curto prazo — táticos — raras vezes foram atingidos. No entanto, isso se deve principalmente ao fato de que, diante desses movimentos, os governos tendem a bater o pé e tornar uma questão de princípio evitar que eles o sejam. Isto em geral era considerado muito mais importante do que o sucesso da reunião de uma cúpula. Mas a questão não era se os comissários chegariam a se reunir ou não. A questão era que os manifestantes não tinham perspectiva de vitória.

Aí, também, os objetivos de médio prazo foram atingidos de forma tão rápida que na verdade os de longo prazo se tornaram mais difíceis. ONGs, sindicatos, marxistas autoritários e aliados similares abandonaram o barco quase imediatamente. Debates estratégicos vieram em seguida, mas foram realizados, como sempre, de maneira indireta, como discussões acerca de raça, privilégios, tática, como quase tudo, exceto como debates estratégicos. E outra vez, tudo se tornou mais difícil devido ao recurso do Estado à guerra.

É difícil para militantes anarquistas assumir muita responsabilidade direta pelo inevitável fim da guerra no Iraque. No entanto pode-se muito bem levar em consideração a responsabilidade indireta. Desde os anos 60, e da catástrofe no Vietnã, o governo estadunidense não abandonou sua política de responder a qualquer ameaça de mobilização democrática em massa com um retorno à guerra. Mas isso requer muito mais cuidado. Em essência, eles têm de projetar guerras que sejam à prova de protestos. Existem ótimas razões para crer que a pri-

meira Guerra do Golfo foi explicitamente projetada com isso em mente. A abordagem utilizada na invasão ao Iraque — a insistência em um exército menor e de alta tecnologia, o extremo apoio no poder de fogo indiscriminado, mesmo contra civis, para se proteger de níveis de baixas americanas semelhantes aos do Vietnã — parece ter sido desenvolvida, novamente, mais com a intenção de evitar qualquer potencial movimento de paz dentro de casa do que com foco na efetividade militar. Isto, de qualquer forma, ajudaria a explicar por que o exército mais poderoso do mundo acabou imobilizado e derrotado por um grupo heterogêneo de guerrilheiros com pouco acesso a zonas de segurança, financiamentos ou apoio militar externos. Como nas cúpulas de comércio, eles estão tão obcecados em fazer com que as forças de resistência civil não tenham perspectiva de vencer a batalha doméstica que prefeririam perder a verdadeira guerra.

## Perspectivas

Como, então, lidar com os perigos da vitória? Não tenho uma resposta simples. Na realidade escrevi este ensaio mais para iniciar uma conversa, pôr o problema na mesa — inspirar um debate estratégico. Ainda assim, algumas implicações são bastante nítidas. Na próxima vez em que planejarmos uma grande campanha de ação, creio que seria bom pelo menos levarmos em conta a possibilidade de alcançar nossos objetivos estratégicos de médio prazo com muita rapidez e de muitos de nossos aliados debandarem quando isso acontecer. Temos de reconhecer debates estratégicos pelo que são, mesmo quando parecem ser outra coisa. Tomemos um exemplo famoso: discussões sobre destruição de propriedades após Seattle. A maioria delas foram na verdade discussões sobre o capitalismo. Quem censurou a quebra de janelas o fez porque desejava apelar aos consumidores da classe média para que aderissem à modalidade de intercâmbio global do consumismo verde, que se aliassem a burocracias trabalhistas e sociais-democratas no exterior. Não foi uma trilha projetada para criar um confronto direto com o capitalismo, e a maioria das pessoas que nos instaram a tomar essa rota estavam no mínimo céticas quanto à possibilidade de um dia o capitalismo ser realmente derrotado. Aquelas pessoas que quebraram janelas não queriam saber se estavam ofendendo os proprietários suburbanos, pois não os viam como um elemento potencial em uma coalizão anticapitalista revolucionária. Esta-

vam tentando, na prática, sequestrar a mídia para enviar a mensagem de que o sistema era vulnerável — na esperança de inspirar atos insurrecionais da parte daquelas pessoas que pudessem estar considerando entrar para uma aliança genuinamente revolucionária: adolescentes alienadas, pessoas de cor oprimidas, trabalhadores comuns impacientes com os burocratas sindicalistas, a população de rua, as pessoas criminalizadas, as radicalmente descontentes. Se um movimento anticapitalista militante fosse começar teria que ser com membros assim: pessoas que não precisam ser convencidas de que o sistema está corroído, apenas de que existe algo que possam fazer. E em todo caso, mesmo que fosse possível haver uma revolução anticapitalista sem conflito armado nas ruas — o que a maioria de nós espera que seja, já que, vamos admitir, se nos levantarmos contra o exército, iremos perder — não há como fazermos essa revolução e ao mesmo tempo respeitarmos o direito de propriedade.

Isto nos leva a uma questão interessante. O que significaria conquistar não apenas nossos objetivos de médio prazo, mas também os de longo prazo? No momento, não está claro para ninguém como isso poderia acontecer, pela simples razão de que nenhum de nós tem muita fé “na” revolução, no antigo sentido dado ao termo nos séculos XIX e XX. Afinal, a visão total de uma revolução, de que haverá uma única insurreição em massa ou greve geral e então todos os muros ruirão, é baseada na velha fantasia de dominar o Estado. Esta seria a única maneira possível da vitória ser tão absoluta e completa — pelo menos se estivermos falando de um país inteiro ou de um território significativo.

Porém, não existem rupturas totais na História. O outro lado da velha ideia da ruptura total, aquele momento em que o Estado cai e o capitalismo é derrotado, é que nada além disso representa uma vitória real. Se o capitalismo permanecer de pé, se começar a mercantilizar nossas ideias outrora subversivas, é a prova de que eles venceram. Nós perdemos, nós fomos cooptados. Para mim, isso é absurdo. Podemos dizer que o feminismo perdeu, que não conquistou nada, só porque a cultura corporativa se sentiu obrigada a demonstrar apoio à condenação do sexismo e firmas capitalistas começaram a comercializar livros, filmes e outros produtos feministas? É claro que não: a menos que se consiga destruir o capitalismo e o patriarcado com um único golpe mortal, esse é um dos mais claros sinais de que chegamos a algum lugar. É de se presumir que qualquer estrada para a revolução envolverá infinitos momentos de cooptação, infinitas campanhas vitoriosas, infinitos pequenos momentos de insurreição ou momentos de autonomia fugaz e encoberta. Hesito mesmo em especular como realmente seria. No entanto, para começarmos a caminhar nessa direção, a primeira coisa que precisamos fazer é reconhecer que, de fato, vencemos algumas batalhas. Na verdade, ultimamente, temos vencido um bocado. A questão é como romper o ciclo de exaltação e desespero e gerar algumas visões estratégicas (quanto mais, melhor) dessas vitórias construídas uma sobre a outra, para criar um movimento cumulativo rumo a uma nova sociedade.



Manifestantes contra a reunião de cúpula do G8 em Gênova, viram furgão da polícia, 2001.

# "NÃO" é sempre NÃO

*C. responde ao comentário de um leitor.*

**R**ecebemos um texto de A. criticando o artigo “Somos Todos Estupradores”, publicado na edição número dois de Fagulha. Segundo esse texto, escrito por um homem\*, nem sempre um “não” significa que a mulher não está interessada no homem ou que quer que ele pare de dar em cima dela. Ele afirma que as mulheres querem que o homem insista, que isso faz elas se “sentirem poderosas”. Essa argumentação tem pelo menos duas falhas graves. Em primeiro lugar, não cabe a nenhum homem dizer o que uma mulher sente ou deixa de sentir. Só uma mulher pode dizer isso. Em segundo lugar, dizer que as mulheres dizem não quando gostariam de dizer sim porque isso as faz sentirem-se poderosas é ignorar os séculos de opressão a que elas foram (e ainda são) submetidas.

A nossa sociedade patriarcal ensina as mulheres que elas não podem ser “fáceis”. A mulher que diz “sim” logo de cara, que faz sexo sempre que tem vontade, que é sincera com os homens e consigo mesma a respeito dos seus desejos sexuais é rotulada como uma mulher “fácil”, ordinária, vadia, rodada e coisas ainda piores. Esse rótulo, dentro de uma cultura machista, de uma cultura de estupro, ameaça a integridade mental e física dessas mulheres, pois significa que podem ser tratadas pelos homens como meros objetos para satisfazer as suas necessidades e impulsos sexuais, indiferente da sua vontade. Ou seja, significa que os homens podem assediá-las e estuprá-las. O patriarcado retira dessas mulheres o direito de dizer “não”: se por acaso uma mulher rotulada de “fácil” diz não para um homem, ele sente-se no direito de ignorar a resposta ou então levar para o lado pessoal (“Se ela transa com vários homens, qual o problema comigo?”), se sentir ofendido e com justificativa para agredir essa mulher física ou verbalmente.

Ao mesmo tempo, essa cultura machista de que a

mulher “decente” (o oposto da mulher “fácil”) tem que “fazer charme”, obrigando o homem a correr atrás dela para conquistá-la, esvazia o não de significado. Se o “não” pode ser “sim”, como então se diz não? Como deixar isso claro? O patriarcado removeu das mulheres o direito de dizer **NÃO**. Não importa o que digam, o homem se dá o direito de interpretar como achar melhor.

Eu acredito que é responsabilidade nossa – dos homens – partir do princípio que não sempre significa não. Se, por qualquer razão, você suspeita que existe alguma possibilidade daquele não significar qualquer outra coisa, você pode conversar abertamente com ela (uma única vez, para que não se transforme em assédio) e explicar que se é aquilo que ela realmente quer, você a deixará em paz. É nossa *responsabilidade* criar ambientes onde as mulheres se sintam mais seguras para dizer sim ou não, para expressar suas vontades, sem receio de serem vítimas de qualquer tipo de violência ou opressão.

A. também comenta em seu texto que mulheres também assediam homens, que o problema então não seria ho-

\* Esta resposta também foi escrita por um homem, pois ainda não há mulheres na organização desta revista. Gostaríamos muito que houvessem (viu nosso chamado na página 06?). Enquanto isso não acontece, um de nós arriscou escrever estas linhas para não deixar a crítica sem pelo menos uma resposta.



mens desrespeitando mulheres, mas sim de umas pessoas desrespeitarem outras, indiferente de gênero. Não é bem assim. É óbvio que queremos que todas as pessoas se respeitem umas às outras, independentemente de questões de gênero. Mas o problema aqui é que o patriarcado é uma forma de opressão sistêmica do feminino pelo masculino, está em todas as esferas da sociedade. As mulheres são desrespeitadas e ameaçadas a todo momento: seja pelo assédio e pelas cantadas na rua, na escola, no trabalho; pelas mãos e encoxadas no ônibus e no trem; pelo medo de serem estupradas ao caminharem sozinhas à noite; ao serem menosprezadas no seu emprego; etc. Sim, existem casos de homens assediados, mas isso não é algo tão recorrente ao ponto de você ter medo de andar sozinho por medo de ser estuprado, se sentir agredido pelo constante assédio ofensivo nas ruas, de não ter suas opiniões levadas a sério por que teus colegas de trabalho te consideram apenas um par de seios, de se sentir constrangido porque as pessoas olham para todo o seu corpo antes de olhar para o seu rosto.

A objetificação da mulher, parte do patriarcado, é sistêmica. A mulher é constantemente vista como objeto sexual

pelo homem, e pouco mais que isso. Isso chega ao ponto de ser difícil para um homem (mesmo que bem intencionado) ver uma mulher – principalmente uma que ele considere atraente – como mais do que apenas uma *coisa* para satisfazer seus impulsos sexuais.

Esses não são casos isolados, problemas de relacionamento da pessoa X com a pessoa Y, são padrões do sistema, acontecem igualmente (em maior ou menor escala) em todo o mundo. Eu como homem, nunca fui vítima de assédio, não como as mulheres o são e nem seria justo comparar os casos isolados que sofri com o que elas passam. *Todas elas. Todos os dias.*

Se tratarmos esses padrões machistas como um caso de desrespeito entre iguais, não vamos estar

tendo uma boa compreensão do problema e assim será difícil resolvê-lo. Sim, talvez isso signifique que, nós homens, tenhamos que ser extremamente cautelosos, nos preocupando com coisas que outras pessoas podem considerar "irrelevantes", se quisermos que as próximas gerações não sofram as mesmas opressões que sofremos.

**A mulher que diz “sim” logo de cara, que faz sexo sempre que tem vontade, que é sincera com os homens e consigo mesma a respeito dos seus desejos sexuais é rotulada como uma mulher “fácil”, ordinária, vadia, rodada e coisas ainda piores.**

## O PERIGO DE ROMANTIZAR A PERSEGUIÇÃO

SEGUNDO UM ESTUDO\* DA UNIVERSIDADE DE MICHIGAN, OS FILMES QUE ROMANTIZAM A PERSEGUIÇÃO E AS AÇÕES COMPULSIVAS AJUDAM A TORNAR ESTES TIPOS DE COMPORTAMENTOS COMO NORMAIS.

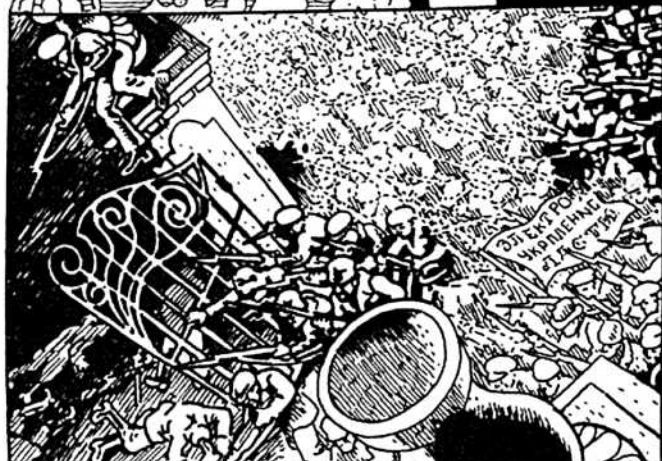


O PROBLEMA DESTES CLICHÊS É QUE MOSTRAM O AMOR COMO ALGO QUE MERECEMOS SE FORMOS PERSEVERANTES, SEM LEVAR EM CONSIDERAÇÃO A RESPOSTA OU DECISÃO DA OUTRA PESSOA.



MORAL DA HISTÓRIA: UM NÃO É UM NÃO. APRENDA A RESPEITÁ-LO.

# NESTOR MAKHNO



A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO DE 1917 DEU VOZ A DIVERSAS FORÇAS HÁ MUITO REPRIMIDAS, ALÉM DOS BOLCHEVIQUES. NAQUELA PARTE DA UCRÂNIA



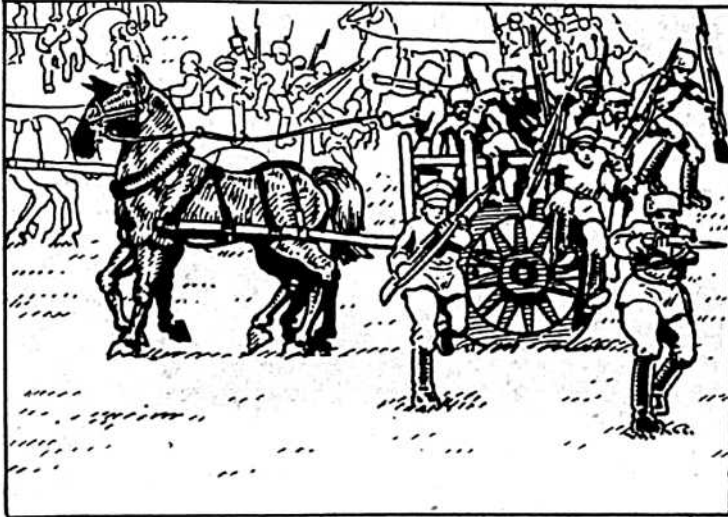
CEDIDA PELO TRATADO DE BREST-LITOVSK, A CONFEDERAÇÃO NABAT DECLAROU A SUA AUTODETERMINAÇÃO E DIVIDIU AS PROPRIEDADES ENTRE OS CAMPONESES.



REUNINDO UM EXÉRCITO DE GUERRILHA, NESTOR MAKHNO ATORMENTOU OS PROPRIETÁRIOS, APOIADOS PELOS ALEMÃES, MUITAS VEZES SE VESTINDO COMO O INIMIGO PARA GANHAR A SUA HOSPITALIDADE.



UMA DIVISÃO DO EXÉRCITO ALEMÃO, ENVIADA PARA SUBJUGÁ-LO, FOI DERROTADA. ELE ENTÃO RUMOU PARA O NORTE, SUBSTITUINDO OS COMISSÁRIOS BOLCHEVIQUES POR COMUNAS LIBERTÁRIAS.



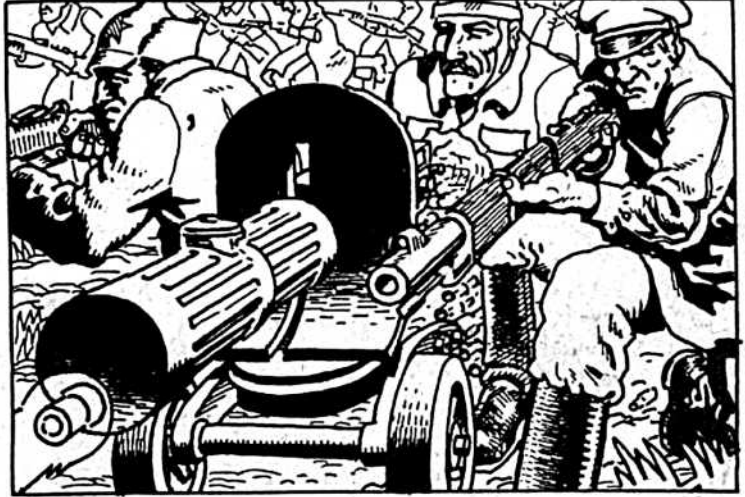
EM SEGUIDA, UTILIZANDO INOVAÇÕES MILITARES COMO O TRANSPORTE DE INFANTARIA EM CARRUAGENS LEVES, ELE CONSEGUIU BARRAR A INVASÃO DO EXÉRCITO BRANCO DE DENIKIN.



EMBORA NA TEORIA SEU EXÉRCITO FOSSE ORGANIZADO DEMOCRATICAMENTE, ELE ERA COMANDADO COM RIGIDEZ POR MAKHNO E SEUS COMANDANTES.



SUAS TÁTICAS NÃO-ORTODOXAS DERROTARAM DENIKIN, MAS TROTSKI ORDENOU A PRISÃO DOS ELEMENTOS ANARQUISTAS. MAKHNO RESISTIU



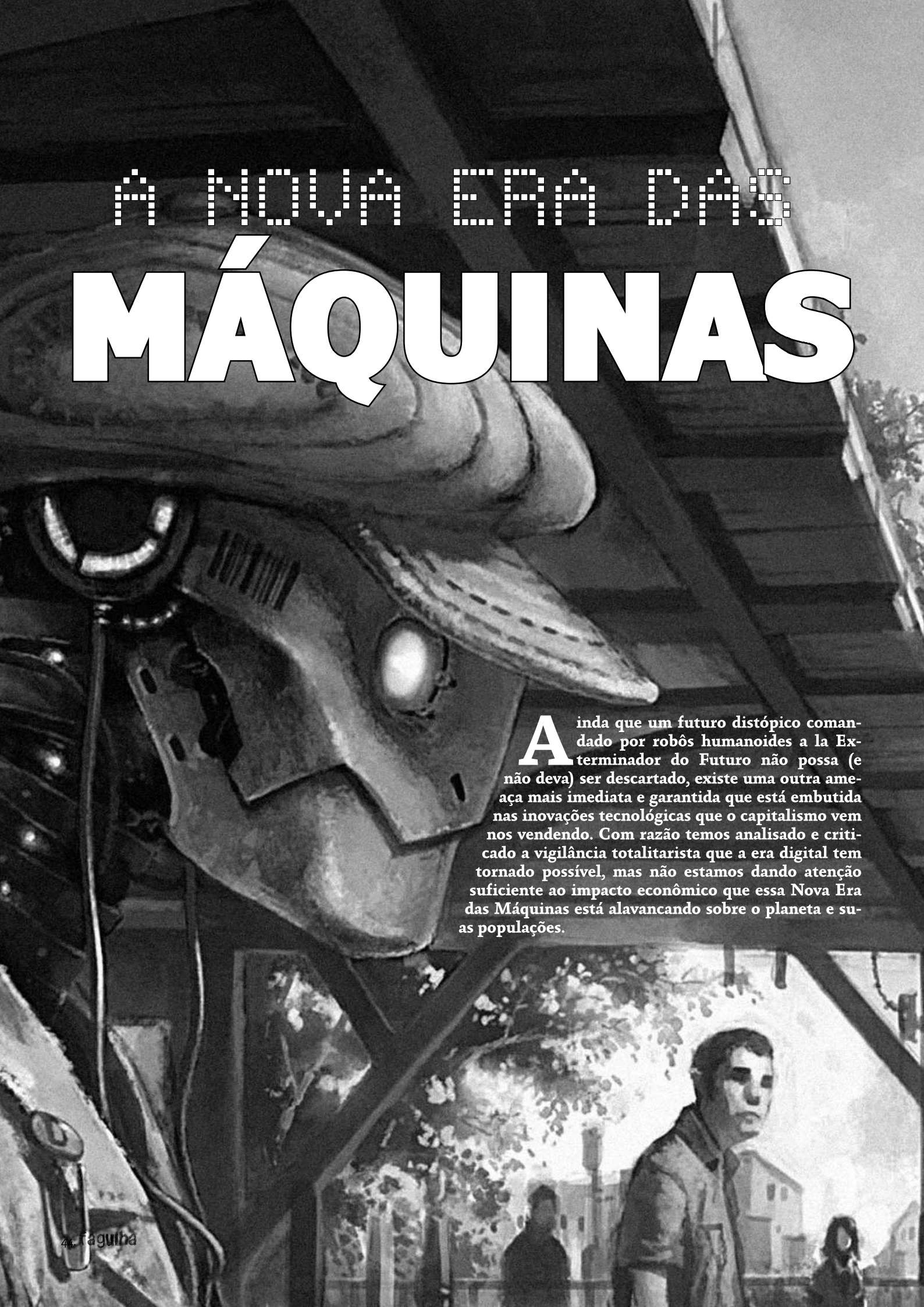
POR NOVE MESES ATÉ A INVASÃO DE WRANGEL. COM A PROMESSA DE LIBERTAÇÃO DOS PRISIONEIOS ANARQUISTAS, ELE SE JUNTOU A ELES PARA ESMAGAR A INVASÃO DO EXÉRCITO BRANCO.



DEPOIS DA VITÓRIA, OS LÍDERES MAKHNISTAS FORAM CONVIDADOS PARA UMA CONFERÊNCIA NA CRIMEIA ONDE TODOS, EXCETO UMA UNIDADE DE CAVALARIA QUE ESCAPOU, FORAM FUZILADOS OU PRESOS. MAKHNO E SEUS HOMENS



RESISTIRAM POR ALGUNS MESES, NO COMEÇO OBTIVERAM VITÓRIAS, MAS NO FIM ELE TEVE QUE FUGIR PARA PARIS ONDE, EM 1935, MORREU DE ALCOOLISMO CRÔNICO.



# A NOVA ERA DAS MÁQUINAS

**A**inda que um futuro distópico comandado por robôs humanoides a la Exterminador do Futuro não possa (e não deva) ser descartado, existe uma outra ameaça mais imediata e garantida que está embutida nas inovações tecnológicas que o capitalismo vem nos vendendo. Com razão temos analisado e criticado a vigilância totalitarista que a era digital tem tornado possível, mas não estamos dando atenção suficiente ao impacto econômico que essa Nova Era das Máquinas está alavancando sobre o planeta e suas populações.

Ao redor do mundo são aplicadas medidas de austeridade para abafar a crise, mas os níveis de produtividade nunca foram tão altos. Nunca antes houve tantos bilionários no planeta, sejam CEOs de grandes empresas de tecnologia ou mega astros da música pop. Enquanto isso, a renda média mundial nunca esteve tão desassociada e abaixo dos índices de produtividade, e as taxas de desemprego não param de crescer.

Existe uma nova revolução industrial em curso: a computação e consequentemente a robótica são tecnologias que estão provocando mudanças radicais em todas as esferas das nossas vidas. Da mesma forma como o vapor, o motor a combustão e a eletricidade nas duas revoluções industriais nos séculos anteriores, essas novas tecnologias estão causando uma mudança extrema na forma como o mundo se organiza, especialmente em termos de classe. Essa mudança começou a ser sentida mais claramente no início do século XXI, mas está para se tornar mais aguda na medida que o mercado e a cadeia produtiva se reorganizam para absorver essas tecnologias de forma integral.

É aí que os impactos que já estamos vendo hoje se tornarão devastadores. Ninguém sabe quanto tempo levará – as outras revoluções industriais levaram cerca de 30 anos para tomar forma nos países industrializados – mas é possível especular que essa nova revolução seja muito mais veloz e uniforme. O mercado global, a fluidez informatizada do capital internacional e a forma como o desenvolvimento da computação tem se dado trazem o problema pra muito mais perto. Mesmo sem uma incorporação completa dessas novas tecnologias, os índices de riqueza produzida, as taxas de emprego e o PIB por pessoa, que costumavam ser taxas intrinsecamente relacionadas, atingem uma desassociação gigantesca. Essa desassociação é a maior já medida e um desvio inédito desde a crise de 1929.

Há menos de dez anos era praticamente consenso que em certas áreas seres humanos continuariam imbatíveis em relação a computadores. Tarefas que exigem comunicação complexa e vasto domínio da linguagem, destreza, mobilidade autônoma e resolução de problemas não estruturados, eram alguns exemplos de tecnologias que ficariam apenas no campo da ficção científica ao menos por um bom

tempo. Hoje grandes corporações estão nas etapas finais de desenvolvimento de carros e caminhões capazes de dirigir no trânsito intenso de forma totalmente autônoma e já ameaçando substituir milhões de motoristas<sup>1</sup>. Satélites são enviados para órbita por foguetes que se lançam e retornam autonomamente para navios drones<sup>2</sup>. Computadores já são capazes de realizar reconhecimento de voz, tradução universal em tempo real, e tem destreza superior que a humana para realizar cirurgias<sup>3</sup>, bots se fazem passar por pessoas em chats, redigem postagens em blogs, grandes sites de notícias e até mesmo geram e disseminam notícias falsas capazes de influenciar eleições.

Postos de trabalho em atendimento e telemarketing, em fábricas e montadoras de computadores, smartphones<sup>4</sup> e carros, em hospitais, logística, contabilidade, e até mesmo programação estão sendo cortados ou ameaçados. Esses empregos não vão mais voltar, ao menos não na escala anterior. Estamos sendo substituídos por máquinas cada vez mais inteligentes e capazes de multiplicar lucros, sem fazer reivindicações, greves ou tirar licenças. E isso não significa mais tempo para o lazer ou para perseguir nossas aspirações. Significa que a força de trabalho será ainda mais desvalorizada pois vai ser comparada com a de um robô que tem um custo de quatro dólares por hora de trabalho.

Essa mudança na economia vai além da simples substituição vaga por vaga, robô entra – pessoa sai. É muito mais que está em jogo, exploração e mineração espacial, substituição de transporte público (e possivelmente outros serviços públicos) por serviços sob demanda, como Uber, controlados por megacorporações multinacionais, agricultura de monocultura totalmente robotizada em larga escala e com potencial de uso ainda maior de agrotóxicos e transgênicos... Isso tudo significa que estaremos ainda um passo (ou talvez muitos) mais distantes da autonomia que precisamos para desenvolver nossas vidas livremente. Significa dizer que as decisões importantes para nossas comunidades estarão sendo tomadas em esferas onde nossa revolta não será sentida, que o capitalismo ganhará outra vez mais uma sobrevida, sobretudo se seguirmos repetindo as mesmas análises, táticas e estratégias dos séculos passados.

1. <https://medium.com/@rafaspol/how-uber-s-autonomous-cars-will-destroy-10-million-jobs-and-reshape-the-economy-by-2025-9134d3af2b11>

2. Lançamento da Space X — [youtube.com/watch?v=\\_iDZA2vdzc](https://www.youtube.com/watch?v=_iDZA2vdzc)

3. Cirurgia assistida por robôs — [https://en.wikipedia.org/wiki/Robot-assisted\\_surgery](https://en.wikipedia.org/wiki/Robot-assisted_surgery)

4. <http://www.theverge.com/2016/12/30/14128870/foxconn-robots-automation-apple-iphone-china-manufacturing>

# CASOS ISOLADOS

As "autoridades" nos dizem que a tortura, assassinato, sequestro e outras ações violentas cometidas por policiais são "casos isolados". Esta coluna faz uma cronologia de apenas alguns desses "casos isolados" que ocorreram durante a elaboração desta edição da revista.

**15/10 – Valença, PI** – policial mata uma jovem de 21 anos, estudante de direito, com um *tiro na cabeça*.

**21/10 – Santo André, SP** – guardas civis usam perfil falso no Facebook para atrair e em seguida *matam* cinco jovens

**27/10 – Chapecó, SC** – Estudantes que ocupam a escola são intimidados pela Polícia Militar. Policiais circularam com arma de alto calibre entre os estudantes.

**30/10 – Santos, SP** – espetáculo de teatro de rua é interrompido pela Polícia Militar. Os artistas são presos e seus equipamentos confiscados.

**02/11 – Porto Alegre, RS** – policial civil agride gravemente sua esposa causando *fraturas em seu rosto e atira três vezes* em um dentista, ex-companheiro dela.

**05/11 – Rio de Janeiro, RJ** – Mototaxista é *baleado no portão de sua casa* pela Polícia Militar ao sair para fechar o portão de sua casa para evitar que as crianças saíssem.

**05/11 – São Paulo, SP** – policial *mata três jovens* após estes tentarem roubar seu carro. Os jovens estavam desarmados e fugiram quando o policial sacou sua arma. Ele os perseguiu e *atirou pelas suas costas*, matando-os.

**05/11 – Biguaçu, SC** – dois policiais civis armados invadem empresa e *torturam* família com *tapas, socos, cotoveladas e tiro no pé*. Tudo teria ocorrido porque a família teria pedido aos policiais que não urinassem no portão da empresa.

**08/11 – São Sebastião, DF** – policial militar usou *golpes de cassetete* para atingir uma moradora e impedir que ela filmasse uma operação de derrubada de casas irregulares. A mulher teve o *dedo quebrado e ferimentos nas cos-*

*tas e ombros*.

**11/11 – Rio de Janeiro, RJ** – em manifestação, fotógrafo é cercado e *espancado a cascatedas* por seis policiais militares.

**11/11 – Cuiabá, MT** – PM é condenado por participar de *tortura* de um catador de latinhas. O policial o agrediu fisicamente e depois a *amarrou a vítima com uma corda* e a colocou no porta-malas de um veículo.

**21/11 – Salvador, BA** – Ministério Público abre inquérito para investigar práticas ilegais da PM baiana. *Espancamentos de jovens em matagais* e casas abandonadas, palmatórias escondidas em quartéis, presos apresentados diretamente à Justiça, sem passar por delegacias, tiroteios que resultam em *suspeitos mortos* são alguns dos exemplos das denúncias.

**21/11 – Campo Grande, MS** – suspeito relatou ter sido *torturado* por policiais que tentavam extrair sua confissão. Eles colocaram um *saco plástico em sua cabeça* e ameaçaram colocar droga em sua casa.

**30/11 – Brasília, DF** – militante do MST que participava de manifestação é *preso, encapuzado e torturado* física e psicologicamente pela Polícia Legislativa do Senado. Ele também teve negado o seu direito a uma ligação e a advogado.

**06/12 – Rio de Janeiro, RJ** – vídeo mostra policiais militares *disparando das janelas de uma igreja* contra manifestantes que protestavam contra medidas de austeridade.

**05/12 – Capão Bonito, SP** – policial militar rodoviário é preso suspeito de ter *assassinado* vigilante. O PM e o cunhado teriam enterrado o corpo em um bosque e, 15 dias após a morte, o desenterraram para *cortar a cabeça*, que foi levada para outro local. O

motivo do crime, segundo a Polícia Civil, seria a cobrança de uma dívida de R\$ 2 mil em salários pelo vigilante, que trabalhou na empresa de segurança do policial.

**11/12 – Rio de Janeiro, RJ** – rapaz de 19 anos, filho da cantora Tati Quebra-Barraco é *morto* em "suposta troca de tiros". Em seguida a página da cantora é inundada com mensagens racistas apoiando a ação da PM.

**25/12 – Cuiabá, MT** – mulher acusa policial militar de ter *executado* seu marido. Segundo ela, o sobrinho do PM o imobilizava pelo pescoço, enquanto o policial fez os disparos que o mataram.

**29/12 – Belfort Roxo, RJ** – policial militar confessa ter *assassinado e queimado o corpo* de embaixador grego.

**05/01 – Hortolândia, SP** – PM é acusado de *estuprar a própria sobrinha*, de 15 anos.

**07/01 – Boa Vista, RR** – vídeo mostra policiais militares disparando *balas de borracha à queima-roupa* em detentos já desarmados e dominados.

**08/01 – Rio de Janeiro, RJ** – policial civil *mata* sua irmã, também policial, por disputa de herança.

**09/01 – Macapá, AP** – policiais sem mandado de segurança e fora do horário de serviço invadem sede da Mídia Ninja e *apontando armas e agredindo com socos e chutes* as pessoas que estavam no local.

**12/01 – Barra Funda, MT** – policiais acusados de *torturar* presos com banhos frios, socos, chutes, *pau de arara e choques elétricos* nas pernas, nas nádegas e nas partes genitais são inocentados.

**16/01 – Oiapoque, AP** – oito policiais militares são denunciados por abdução internacional, violação de domicílio, *sequestro*,

*tortura*, abuso de autoridade, uso de documento público ideologicamente falso e prevaricação quando invadiram o território da Guiana Francesa com a justificativa de capturar dois fugitivos.

**16/01 – Serra, ES** – ex-policial é condenado a 23 anos por ser o mandante do *assassinato* de um aposentado.

**18/01 – Manaus, AM** – mães e esposas de detentos denunciam *agressões físicas* da Polícia Militar no Instituto Prisional Antônio Trindade (Ipat), são apresentadas fotos que comprovam a violência.

**19/01 – Jutai, AM** – vídeo mostra policial agredindo jovem com *socos e tapas* em abordagem. Outras pessoas deram o testemunho de que aquele policial costuma fazer abordagens violentas.

**21/01 – Belém, PA** – após a morte de um policial, **30 assassinatos** são registrados em um único dia, 25 deles com sinais de execução, em possível represália executada por policiais.

**24/01 – Pomerode, SC** – vídeo mostra polícia usando *armas de choque* em homem sentado com criança no colo. Em resposta a PM não só defendeu sua conduta, mas ameaçou investigar as pessoas que fizeram comentários nas redes sociais criticando a ação policial.

**25/01 – São Paulo, SP** – dois jovens são abordados por estarem andando de moto sem capacete e são *agredidos a cassetadas e socos* pelos policiais.

**30/01 – Itapevi, SP** – homem é *morto* por PM durante separação de casal. A esposa que havia chamado a polícia disse que o policial teria agredido seu marido com *chute no rosto e cassetadas* nas pernas, no braço, cabeça e barriga. Ele foi levado vivo para a delegacia onde, cuspiendo sangue, não recebeu atenção médica e morreu.

**02/02 – Itinga, BA** – marceneiro é *assassinado com 7 tiros* depois que policiais o confundiram com assaltante. O restaurante da família da vítima havia sido assaltado e por isso a polícia foi chamada.

**06/02 – São Paulo, SP** – levantamento aponta que policiais de folga *mataram 266 pessoas* no município em 2016. O equivalente a 55% do número de latrocínios registrados na cidade.

**06/02 – São Paulo, SP** – parentes e testemunhas acusam policiais da ROTA de terem *executado* suspeitos de roubo depois de já terem se rendido e sem oferecer resistência.

**07/02 – Amaralina, BA** – jovem suspeito de participar de quadrilha é retirado pacificamente de festa por policiais, mais tarde é encontrado com graves sinais de *espancamento* e acaba morrendo.

**08/02 – Ouro Preto do Oeste, RO** – policial é preso por participar de organização criminosa que *torturou e quase matou moradores* de um assentamento no interior de Rondônia.

**09/02 – Rio de Janeiro, RJ** – policiais são filmados *jogando pedras* contra manifestantes. Na mesma manifestação, a polícia disparou *à queima-roupa* com balas de borracha em jornalista, mesmo após ele se identificar como imprensa.

**09/02 – Mogi das Cruzes, SP** – policial é preso pelo *assassinato* de travesti.

**27/02 – Fortaleza, CE** – adolescente de 14 anos *perdeu a visão* em um dos olhos após ser atingido pela polícia com tiro de bala de borracha durante o carnaval.

**01/03 – São Paulo, SP** – menina de seis anos é *baleada* durante ação da polícia. A menina e a vó contam que o disparo veio da polícia e que se negaram a prestar socorro.

**07/03 – Recife, PE** – Sargento da polícia militar é detido após *ejacular* em passageira dentro de ônibus

**07/03 – Macapá, AP** – delegado da polícia civil solicita prisão de comandante geral da PM por organizar a fuga de policiais militares que tinham recebido voz de prisão por *agredirem suspeitos* que já estavam presos, e utilizaram inclusive spray de pimenta dentro da delegacia, afetando policiais civis e pessoas que testemunhavam a *tortura*.

**08/03 – Mateus Leme, MG** – policial militar borrija *spray de pimenta na cara* de um homem em situação de rua que dormia na calçada.

**12/03 – Brasília, DF** – sargento da PM é preso, suspeito de *estuprar filho* de 9 anos. Um celular foi apreendido com imagens do policial abusando e torturando a criança. Ele ainda *ameaçou* a sua esposa para que ela não denunciasse o crime.

**17/03 – Botucatu, SP** – jovem é *queimado com ferro de passar* por policiais que entraram na sua casa atrás de drogas. A vítima sofreu queimaduras de 2º e 3º graus nas pernas e ombro. Os policiais ainda o algemaram e pretendiam levá-lo preso, mas quando viram a gravidade dos ferimentos, preferiram não apresentá-lo na delegacia.

**18/03 – Itambé, PE** – estudante é baleado à queima roupa e depois *arrastado pelo asfalto* por policial militar durante manifestação por segurança. O jovem morreu depois de quase um mês internado no hospital.

**21/03 – Recife, PE** – policial é preso por participar de *grupo de extermínio*, suspeito de ter assassinado pelo menos uma pessoa. O grupo de extermínio é liderado por um ex-policial.

**23/03 – Sirinhaém, PE** – policial dá *tapa na cara* de jovem após abordagem para coibir som alto.

**30/03 – Cachoeirinha, RS** – brigadiano é flagrado em vídeo agredindo manifestante a *cadeiradas*.

**31/03 – Rio de Janeiro, RJ** – polícia *mata menina de 13 anos* a tiros dentro de uma escola.

**31/03 – Rio de Janeiro, RJ** – vídeo mostra policiais *executando dois homens* caídos no chão.

**16/04 – Porto Alegre, RS** – homem é torturado e agredido por policiais militares em estádio de futebol. Os brigadianos *bateram sua cabeça contra a parede, o agrediram com chutes e abriram sua boca onde aplicaram spray de pimenta*.

**16/04 – São Paulo, SP** – adolescente é *espancado com enxada* por policiais militares que já são conhecidos da população por sua violência, que o abandonaram agonizando na rua.

**18/04 – São Paulo, SP** – jovem que não parou em blitz por estar sem documentação e capacete é *morto com seis tiros* por policiais militares.

**20/04 – São Paulo, SP** – Capitão da PM *agride e ameaça dar tiro* na cara de dois jovens que fumavam maconha.

**20/04 – Recife, PE** – um policial civil de dois militares são presos por praticarem *extorsão, assaltos e roubos*.

**27/04 – Rio Branco, AC** – policiais militares são flagrados espancando três homens algemados com *chutes e pauladas*.

**28/04 – Goiânia, GO** – policial agride universitário na cabeça com cassetete. O estudante sofreu *traumatismo cranioencefálico* e foi hospitalizado em estado grave.

**28/04 – Rio de Janeiro, RJ** – garoto de 16 anos é morto por policiais com *tiro na nuca* ao sair para assistir as manifestações.

**28/04 – Rio de Janeiro, RJ** – são registrados diversos relatos de brutalidade policial durante repressão à Greve Geral, entre os mais graves: jovem terá que passar por cirurgia após ser atingido por *bomba de gás no rosto*, disparada à queima roupa; homem pode *perder a visão* após ser atingido por bala de borracha no rosto; uma bibliotecária precisou ser internada após ser atingida por uma *bala de borracha no maxilar*, levando 21 pontos.

**30/04 – Viana, MA** – carro da Polícia Militar escolta fazendeiros e seus capangas que agridem indígenas. Pelo menos cinco indígenas são internados em estado grave com ferimentos de bala, um teve suas mãos decepadas a golpes de facão, e outro, além das mãos, teve os joelhos cortados nas articulações. Outros 13 foram feridos com golpes de facão e pauladas, são registrados.

**02/05 – Fortaleza, CE** – policial militar é flagrado em vídeo *agredindo* advogada com tapa no rosto.

**03/05 – Uberlândia, MG** – dois PMs são presos por extorquir dinheiro de um homem.

**04/05 – Rio de Janeiro, RJ** – PM é preso em carro carregando 3.500 balas de pistola que seriam vendidas ato tráfico.

**21/05 – Pau D'Arco, PA** – 30 policiais militares e civis executaram 10 pessoas e feriram outras quatro em fazenda.

**24/05 – Maceió, AL** – vídeo mostra PM entrando em sala de aula, agredindo e estrangulando aluno sentado.

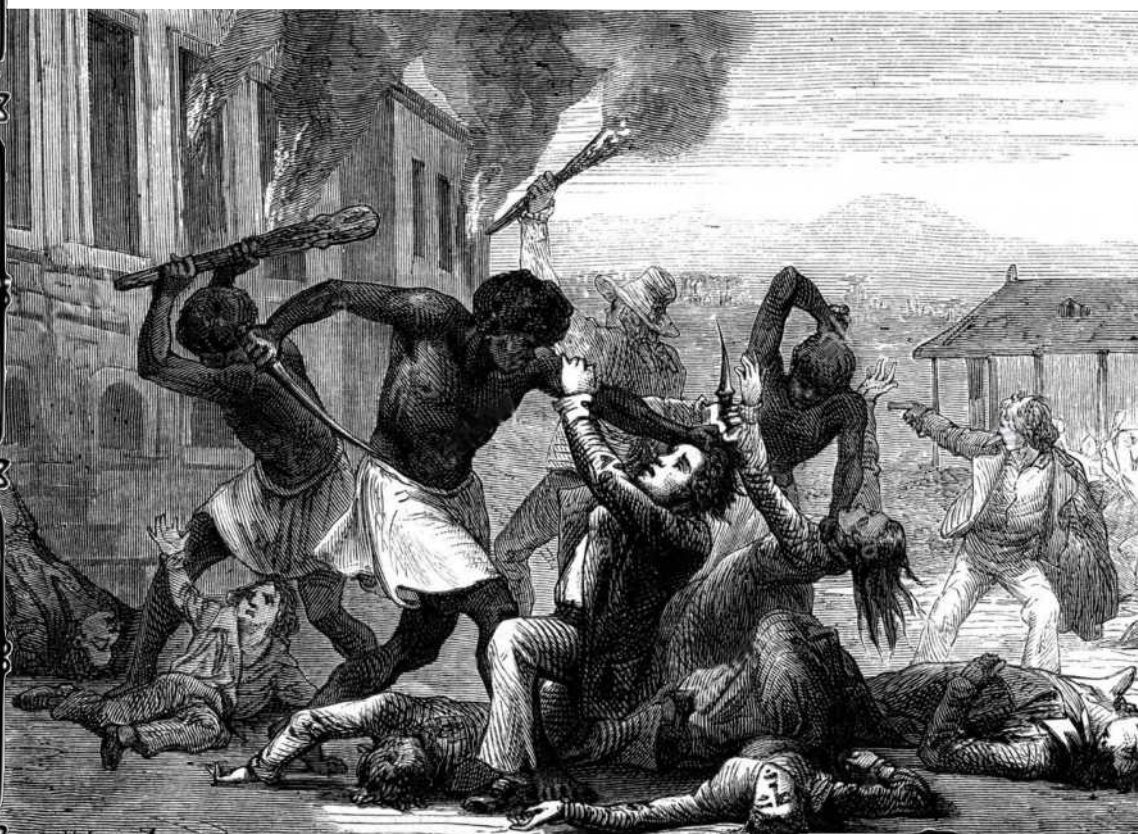
São Domingo, Haiti - 1791 a 1804

## Revolta de escravos

**Q**uando uma tempestade tropical surgiu durante uma cerimônia vodu secreta da qual participavam milhares de escravos, os raios e trovões foram interpretados como bons presságios. Mais tarde naquela noite os escravos começaram a matar os seus senhores.

A fagulha que iniciou a revolta antiescravista e anticolonial que levou à libertação do país e à expulsão dos exércitos imperialistas de Napoleão, veio de baixo, da maioria da população, farta de ser escravizada e tratada com brutalidade. Os franceses foram taxados de bárbaros e aqueles que não fugiram foram massacrados.

Foi a maior revolta de escravos desde a insurreição fracassada de Spartacus contra o Império Romano. A Revolução Haitiana foi a única insurreição de escravos que levou à criação de uma nação livre de escravidão.





# Livros & Filmes

Sugestões para aprofundar alguns dos temas tratados em Fagulha.



## LIVROS



**Escolas de Luta (2016), Antonia Campos, Jonas Medeiros, Márcio Ribeiro.** Escrito a partir de experiências e entrevistas coletadas nas escolas ocupadas da periferia de São Paulo/SP, o livro documenta a resistência e as pautas levantadas nas ocupações. “Não há pretensões acadêmicas ou grandes interpretações, é um livro que tenta reconstruir um processo do ponto de vista dos estudantes, com o objetivo de registrar e potencializar suas vozes”, define a autora.



**Aos Nossos Amigos: Crise e Insurreição (2016), Comitê Invisível.** Traduzido e distribuído por aqui pelas editoras Subta, Edições Baratas e N-1, Crise e Insurreição analisa o ritmo constante de insurreição que tomou diversas partes do mundo desde 2008. Aponta a questão de quão internacionais são as raízes dos problemas que dispararam essas revoltas com um manifesto que atravessa a política, a estética e a filosofia.



**DÍVIDA – Os 5000 Primeiros Anos (2016), David Graeber.** Neste livro o antropólogo anarquista explora a relação histórica entre dívida e instituições sociais como escambo, casamento, amizade, lei, religião, guerra e governo. Segundo o livro, a dívida é a forma mais antiga de transação econômica, precedando as trocas e o dinheiro inventados apenas posteriormente para transações onde havia pouca confiança.

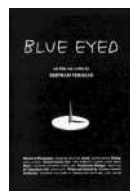


**A Dominação Masculina (1995), Pierre Bourdieu.** Neste livro, Bourdieu trata a questão da desigualdade de gênero do ponto de vista simbólico e aponta o androcentrismo como uma espécie particular de violência simbólica. O autor escancara uma forma de poder que está velada, dissimulada em nossas relações cotidianas e infiltrada em nossos pensamentos.

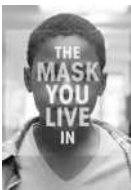
## Filmes



**HIPERNORMALIZAÇÃO (HYPERNORMALIZATION, 2016).** Documentário que sustenta a teoria de que desde os anos 1970 governantes, agentes financeiros e pensadores do Utopismo Tecnológico desistiram da complexidade do mundo real e o substituíram por um mundo de faz-de-conta. Esse modelo falso de mundo é muito mais simples e fácil de ser mantido estável pelos governos enquanto é controlado de fato pelo capital internacional.



**OLHOS AZUIS (BLUE EYED, 2009).** Baseado em uma dinâmica desenvolvida pela educadora e ativista anti-racista, feminista e LGBT, Jane Elliot, esse filme acompanha a aplicação de uma dessas dinâmicas onde pessoas são rotuladas arbitrariamente em função da cor de seus olhos. Nessa atividade, as pessoas de olhos azuis recebem rótulos negativos geralmente associados à pessoas negras, mulheres, homossexuais, portadoras de deficiência e demais grupos oprimidos.



**A MÁSCARA QUE VOCÊ VESTE (THE MASK YOU LIVE IN, 2015).** Explora a forma como a masculinidade é construída socialmente nos EUA e os impactos que tem em meninos, meninas, homens e mulheres e também na violência que afeta a sociedade como um todo.



**RÉQUIEM PARA O SONHO AMERICANO (REQUIEM FOR THE AMERICAN DREAM, 2015).** Um tratado sobre a atual situação política e econômica dos EUA pelo pensador, linguista e anarquista Noam Chomsky. Chomsky esmiúça os princípios políticos que levaram os EUA a esse ponto de desigualdade social e concentração de riqueza sem precedentes.

**E quando nenhuma pessoa for forçada a trabalhar em algo que não lhe satisfaz,  
quando o último governo for abolido e o último exército, desmantelado...  
as decisões serão tomadas coletivamente em rodas de conversa ao redor de fogueiras,  
e nos banquetearmos com os frutos de nosso próprio trabalho,**

**E apesar de todo o cansaço, dançaremos e cantaremos  
sob a luz da lua e das estrelas,  
e compartilharemos histórias, que servirão como avisos,  
de um mundo repleto de escravidão, destruição e violência.**

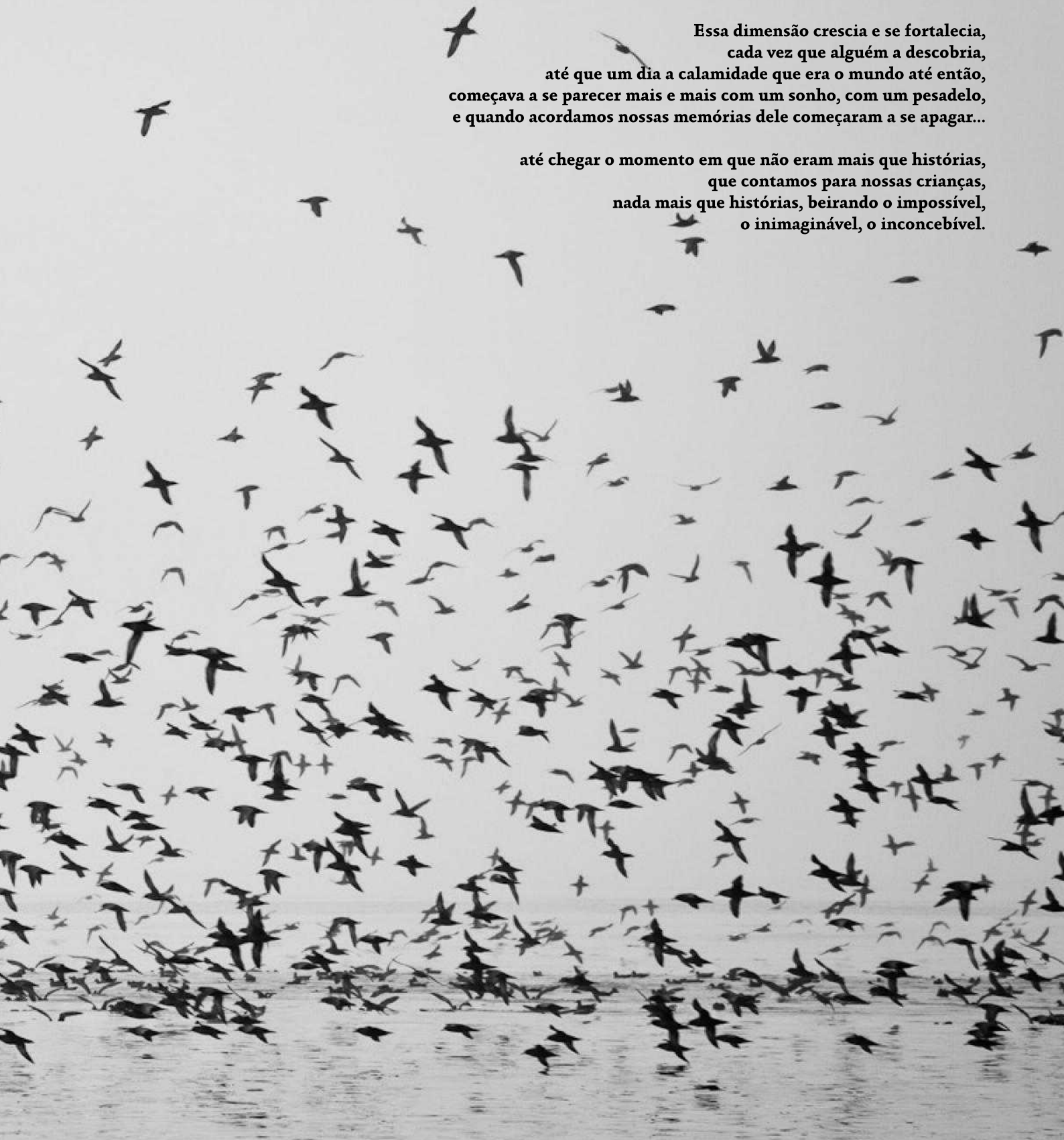
**Histórias de um mundo de coisas incompreensíveis como  
agências de telemarketing e de publicidade,  
megausinas hidrelétricas e congestionamentos quilométricos,  
e de como mesmo apesar de todo o desespero e desesperança,  
as pessoas lutaram para por um fim àquela calamidade.**



Aquelas pessoas pareciam ignorar o inevitável fracasso de suas revoluções  
e por isso perseguiam seus sonhos.  
Não só os perseguiam, mas os alcançavam —  
como uma dimensão paralela, onde o impossível, o inimaginável  
era possível e muito concreto.

Essa dimensão crescia e se fortalecia,  
cada vez que alguém a descobria,  
até que um dia a calamidade que era o mundo até então,  
começava a se parecer mais e mais com um sonho, com um pesadelo,  
e quando acordamos nossas memórias dele começaram a se apagar...

até chegar o momento em que não eram mais que histórias,  
que contamos para nossas crianças,  
nada mais que histórias, beirando o impossível,  
o inimaginável, o inconcebível.



**Que tenhamos a coragem de perseguir nossos sonhos até as suas últimas consequências, a persistência para superar todos obstáculos que surgirem em nosso caminho, a força para esmagar todas as formas de opressão e a compreensão de que somente através da cooperação e do apoio mútuo podemos atingir nossos objetivos. Sem jamais esquecer que são nossas ações no presente que moldam o futuro e nos dão um vislumbre de como será o mundo pelo qual lutamos.**

